



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 25 - junho 2017 JOSÉ DIAS DE MELO II

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

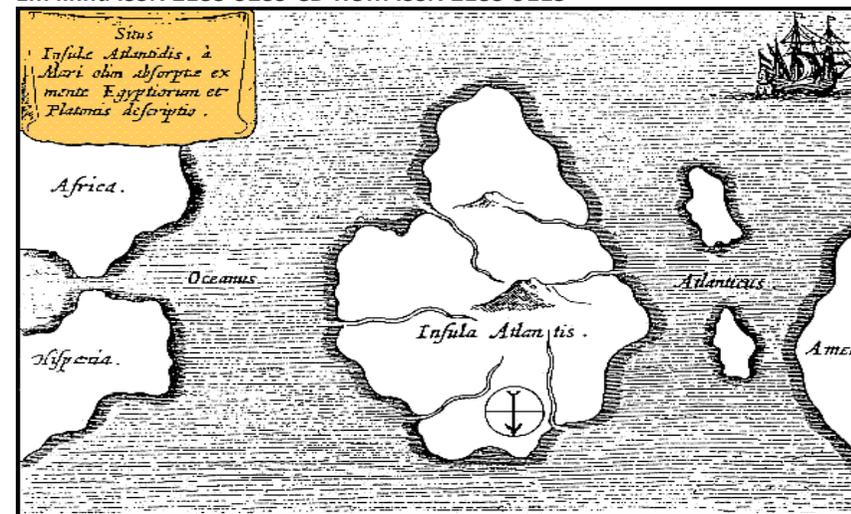
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até pelos próprios autores.

ESTE SUPLEMENTO #25 É O SEGUNDO DEDICADO A JOSÉ DIAS DE MELO DEPOIS DO SUPLEMENTO 3 DE MAIO DE 2010.

1. ZÉLIA BORGES UPM JUBILADA, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

TEMA 1.4 CIGARRAS AÇORIANAS TRABALHAM COMO FORMIGAS, MARIA

Tradicionalmente, com base na leitura bíblica, o trabalho tem sido visto como castigo para o homem em queda. Perdida a felicidade do Éden, desde o pecado original, toda a humanidade é obrigada a ganhar o pão com o suor do próprio rosto. E o trabalho se opõe ao descanso, ao lazer. Todavia, em nossos dias, em tempos de maior indulgência, os artistas já podem jactar-se por serem remunerados ao produzir obras que lhes dão prazer.

O trabalho pode sim, mesmo que a duras penas, ser forte aliado do ócio criativo. Nesta comunicação, parte-se da *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*, de CHRYSTELLO e GIRÃO (2011), secundada pela *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, de Melo (1978) e tendo por mote a lenda da cigarra e da formiga, tentar-se-á mostrar que, para os escritores açorianos, o canto da cigarra não é incompatível com o trabalho da formiga.

Tabuladas as informações advindas das antologias, pode-se concluir que a atividade artística, mais vista como lazer, não impede o exercício de atividades consideradas mais como trabalho propriamente dito. Numa visão bastante maniqueísta da vida e do mundo, vive-se num jogo de escolhas entre polos contraditórios e excludentes. Entre as oposições disponíveis está a que se faz entre o bem e o mal. Nesta visão o bem é o trabalho e o mal, a diversão. Sociedades religiosas e laicas insistiram em perpetuar e passar tal visão.

Hoje sabe-se que nem tudo é tão claro assim, nem tão oposto e excludente. Sabedoria popular, por exemplo, nem sempre se opõe a sabedoria fundada no conhecimento, no estudo. Do mesmo modo, bem e mal nem sempre aparecem com tanta clareza e excludência; o trabalho e o lazer podem vir conjugados. Ilustrativa da evolução deste modo de pensar é a lenda da cigarra e da formiga. Tal lenda, atribuída a Esopo com raconto de La Fontaine, tradicionalmente opõe o trabalho da formiga ao canto da cigarra no tempo da primavera, premiando o primeiro (a formiga se refugia em casa aquecida e alimento abundante no inverno) e castigando o segundo (à cigarra imprevidente, só resta dançar ao frio).

Em nossos dias, a lenda tem aparecido em versões mais conciliadoras, com um final menos duro que o da versão primeva. Nesta, a formiga costumava condenar a cigarra ao frio e à fome, dizendo-lhe: "Cantou durante o verão?! Pois dance agora." Já na nossa infância, líamos de Monteiro Lobato uma versão menos radical quanto a prêmio e castigo. O autor registra duas fábulas com títulos diferentes:

1. A Formiga boa. Nesta a cigarra, com a chegada do inverno, procura a formiga e, tossindo e tremendo. E a história assim termina:

– Ah!...exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora. Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

2. A formiga má. Termina diferentemente:

[...] a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

– Que fazia você durante o bom tempo?

– Eu... eu cantava.

– Cantava? Pois dance agora, vagabunda! E fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu intanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

E o autor que fazia alegria de nossa infância ainda tem o cuidado de apor à fábula a moral da história: "Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade". Na Internet, que tudo aceita, aparece no site Qdivertido.com.br (2011), uma adaptação com um seguinte final em que a formiga rainha institui o canto como uma tarefa para a cigarra, integrando-a, assim, na comunidade do formigueiro:

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.

Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio.

Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Para cigarra e para formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Aqui se conciliam os opostos ócio/ocupação, trabalho/lazer, legitimando o ócio criativo, tão simpático na atividade artística. Aliás, a atividade artística era muito mais

associada à busca do lazer, ao descanso do trabalho, oportuna apenas para as horas de folga. E não somente ao lazer, mais respeitado na sociedade maniqueísta, que ligava lazer a descanso e prazer atividades condenáveis.

No Brasil, tal fato se evidenciava sobremaneira, pois artistas só obtinham Carteira de Identidade em Delegacia de registro de atividade de prostituição. As palavras tradicionalmente usadas para a atividade produtiva têm uma história interessante, que parece oportuno considerar. No grego, trabalhar se expressava através de dois verbos diferentes:

1) γργάζομαι: definido como trabalhar, no sentido de produzir algo; tendo o substantivo correspondente εργον;

2) o segundo verbo, διαπονεω, tem o significado de trabalhar com esforço. Esta mesma palavra é definida como castigar, por Pereira (1961), que lhe apõe a observação “falando de estilo”,

No latim aparece com uma só palavra para trabalhar: **tripaliare* que, na explicação etimológica de Houaiss é verbo românico, advindo do latim *tripalium*, 'instrumento de tortura', derivado do adjetivo *tripális*, aparelho 'sustentado por três estacas ou mourões'. Com isto, para nós, falantes de língua latina, trabalho traz consigo, sempre, a ideia de esforço e de castigo. Aliás, o castigo imposto a Adão, em sua queda do paraíso, fala em “ganhar o pão com o suor de seu rosto. Assim, trabalho opõe-se a lazer que, na definição do mesmo dicionarista, se define como:

“1 tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas; 2 Derivação: por metonímia. atividade que se pratica nesse tempo; 3 Derivação: por extensão de sentido. cessação de uma atividade; descanso, repouso”. Ócio também se opõe a trabalho, com as seguintes explicações: 1 **cessação** do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar 2 espaço de tempo em que se descansa 3 **falta** de ocupação; inação, ociosidade 4 falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade 5 Derivação: sentido figurado trabalho leve, agradável. Observe-se que a definição derivada de lazer bate com a derivada de ócio.

Temos até um sintagma para falar de atividade artística sem confundi-la simplesmente com ócio: a expressão “ócio criativo”. Este pode resultar, de fato, de tarefa muito trabalhosa, às vezes até penosa. Olavo Bilac tem um soneto – “A um poeta”, onde fala do esforço que se faz para alcançar um poema:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua

Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Por que a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Correndo os olhos no poema, ressaltam-se os verbos usados no último verso da primeira estrofe. São todos muito mais ligados ao trabalho visto como esforço – “*Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!*” – nas explicações a eles dadas por Houaiss (....). De fato, para obter o verso o poeta deve trabalhar com paciência e sossego; isolado em sua cela, pois deve:

- *trabalhar*, bem no sentido de sofrer tortura, do verbo latino; *teimar*, isto é, insistir, com grande obstinação, por repetidas vezes;
- *limar*, isto é, “corroer material duro com lâmina dentada”;
- *sofrer*, isto é “experimental com resignação e paciência; suportar, tolerar, aguentar”;
- *suar*, isto é, “empregar grandes esforços na consecução de (algum objetivo); afadigar-se”.

Mas o poeta parnasiano não se esquece de conciliar opostos, isto é *paciência*, vista como “capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades; aliada a sossego, visto como “quietude física; descanso, repouso, ausência de problemas, de preocupações, de trabalho excessivo; descanso, calma, tranquilidade”. Bilac encerra o poema também com um paradoxo ao definir Beleza como “a força e a graça na simplicidade”. De fato, força pode se opor a graça:

1. *força*, isto é, “robustez, vigor físico, energia vital;
2. *graça*, isto é “elegância e leveza de formas, do porte e/ou dos movimentos; graciosidade.

Ora, a simplicidade, em sua aquisição, pode resultar de ingente esforço. Com efeito, nosso autor parnasiano, pontificou e “cigarreou” no Brasil há bastante tempo. Assim, para aqueles que gostam apenas de bibliografia recente e que veem a suprema arte na tecnologia avançada, pode-se brindar com afirmação mais recente e concisa, tornada preceito para Steve Jobs: “A simplicidade é a máxima sofisticação” (Isaacson, 2011: p. 99). O que é recente, na verdade é a forma e a síntese, porque a máxima adviria de Leonardo da Vinci, segundo o mesmo autor. Convém agora atentar às cigarras laboriosas, formigas cantantes, aos nossos autores açorianos, cujo trabalho apraz considerar, neste momento em que a primavera começa a se anunciar no hemisfério norte.

Colhi¹ os autores, inicialmente, em Chrystello e Girão (1911) – *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*. Contudo, não podia deixar de fora dois autores não focados na obra, mas que me ocuparam bastante desde que frequentei estas ilhas queridas. Um deles, Dias de Melo, foi objeto de minha consideração no Colóquio de 2009, aqui mesmo em Lagoa. Do outro, Cristóvão de Aguiar, venho cuidando na tentativa de torná-lo conhecido no Brasil, tarefa de que fui incumbida pelo mesmo Colóquio e que, recentemente, no Colóquio realizado em Santa Maria, 2011, passou para a colega Dina Ferreira a quem devo ajudar.

Tabulei², inicialmente, dados da Antologia. Todavia, mesmo em tabela bastante resumida e localizada, precisei lançar mão de pelo menos mais uma antologia, a *Antologia panorâmica do conto açoriano*, de João de Melo (1978), que percorre um tempo mais dilatado (séculos XIX e XX). Além disso, incluí alguns dados considerados oportunos, obtidos diretamente em obra de autor devidamente citado. São autores ilhéus, embora esteja entre eles um autor angolano, Eduardo Bettencourt Pinto, que viveu em Ponta Delgada e, desde 1983, reside no Canadá. Publica em jornal e revista açorianos e possui poemas em antologias nos Estados Unidos, Brasil, Portugal, Inglaterra e Letônia. Açorianos todos os demais da *Antologia Bilingue de Autores Contemporâneos* e os dois da *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*: Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Daniel de Sá, Eduíno de Jesus, Emanuel de Sousa, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Martins Garcia, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Onésimo Teotónio de Almeida, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Victor Rui Dores. Os dois constantes da outra antologia já foram acima apontados.

Nas três primeiras colunas da tabela, cada autor tem sua vida datada e localizada. Temos autores de cinco ilhas: Ilha das Flores e Graciosa: com um autor para cada uma; Ilha do Pico, quatro autores; São Miguel, seis autores; Terceira, quatro autores. Todos os autores analisados nasceram no século XX. O de data mais antiga nasceu em 1925, seguido por um de 1928 e um outro de 1936.

Todos os demais, exceto cinco para os quais não aparece tal data, nasceram a partir de 1940, o que justifica sua classificação como contemporâneos, pois a primeira morte registrada só ocorreu em 2002. Assim, produziram até o século XXI.

Na quarta coluna, aparece atividade essencialmente de formiga: constam nela os estudos de cada autor, no tempo de fazer provisões para o futuro, na primavera da vida. Apenas um autor não tem declinados seus estudos. A produção dos autores como cigarras aparece em quatro colunas da tabela: Outros Trabalhos, Publicações, Antologias e Obras traduzidas.

Na primeira coluna estão referidas as diversas atividades exercidas: funcionalismo público, participação em departamentos de Estado ligados à Cultura, palestras e conferências em terras portuguesas continentais e insulares, na África do Sul, Bélgica, no Brasil, no Canadá, China (Macau), Estados Unidos, Espanha, França, na Guiné-Bissau, Holanda, Inglaterra, Itália, Letônia, Senegal, Venezuela.

Conclui-se que o canto das cigarras açorianas esteve em quatro continentes. Entre atividades diversas aparecem duas mais ou menos estranhas ao canto: serviço militar (referido para dois autores) e serviço em banco. A partir do serviço militar veio o canto através de autobiografia, biografia, memória, diário ou nem tanto (nas palavras de um autor).

A autora que exerceu atividade bancária, além de publicações exerceu atividade de professora universitária e publicou também suas obras literárias. Na coluna publicações, vemos que o canto se espalhou por artes, mídias e gêneros literários diversos: artigos em jornais e revistas literárias e de artes, coleções turísticas, conto, crítica e teoria literária, crônica, dicionário temático da baleação, ensaio, internet, novela, poesia, rádio, romance, teatro, televisão.

No rol de publicações tabuladas, aparece até uma obra vertida para o Braille, na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos. Na coluna Antologias não citei aquela que serviu de ponto de partida para minhas considerações, graças à obviedade de tal citação. Tive o cuidado, porém, de apor a Antologia de Melo aos nomes dos dois autores, cujos dados aqui incluídos dela vieram. Registre também outras antologias para alguns autores onde foram referidas.

Deixei para o fim a atividade que me parece o protótipo da cigarra-formiga (ou da formiga-cigarras). Falo aqui do magistério, uma vez que o professor trabalha como um mouro, cantando, propagando, explicando, antes mesmo que seu próprio canto, o canto de outras cigarras, na sua e em outras línguas. Apenas um autor aparece sem nenhum registro nesta coluna. Mas sendo consultor de informática, subsidia todo e qualquer professor com um instrumento de trabalho que, em nossos dias, quase ninguém dispensa.

Daqui para a frente passarei a redigir na primeira pessoa, pois atingido o estágio de vida em que me encontro, posso fazer minha a máxima de Pedro Nava – “A experiência é como farol traseiro do carro; só ilumina para trás” – e assumir, como direito adquirido, o uso do eu e do nós.

TABELAS:

ÁLAMO OLIVEIRA TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO

NASCIMENTO	Local	Freguesia do Raminho
	Ilha	Terceira
	Data	1945
ESTUDOS	Seminário de Angra	
MAGISTÉRIO	Universidade da Califórnia – Berkeley (lecionou sobre sua obra para alunos de L. Portuguesa, em 2002).	
OUTROS TRABALHOS	Diversos departamentos. governamentais ligados à Cultura	

PUBLICAÇÕES	Poesia, romance, conto, teatro, ensaio.
ANTOLOGIAS	
OBRAS TRADUZIDAS	

CAETANO VALADÃO SERPA

NASCIMENTO	Local	Freguesia da Fajã Grande
	Ilha	Flores
	Data	
ESTUDOS	Seminário de Angra do Heroísmo: estudos secundários. História (licenciatura e Doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma)	
MAGISTÉRIO	Seminário de Angra, Colégio do Sto. Cristo (Ponta Delgada) Professor e Supervisor em Cambridge, Harvard e Massachusetts (USA)	
OUTROS TRABALHOS	Participação em colóquios e encontros Palestras sobre história, psicologia, literatura nos EUA, Portugal, Canadá, Brasil	
PUBLICAÇÕES	5 obras arroladas, sem indicação de gênero. Sua obra Gente dos Açores foi uma das 3 primeiras de língua portuguesa a ser transcrita em Braille (1980) na Biblioteca do Congresso dos EUA	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

CRISTÓVÃO DE AGUIAR APENAS NA ANTOLOGIA DE MELO

NASCIMENTO	Local	Pico da Pedra
	Ilha	São Miguel
	Data	1940
ESTUDOS	Liceu Antero de Quental, Ponta Delgada. Curso de Filologia Germânica em Coimbra.	
MAGISTÉRIO	Foi professor secundário em Leiria e Coimbra. Leitor de língua inglesa na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, onde se mantém.	
OUTROS TRABALHOS	Redator da revista Vértice, trabalhou também para o rádio. Trabalhou na Guiné-Bissau, como alferes miliciano.	
PUBLICAÇÕES	Conto, romance, biografia, memórias, poesia.	
ANTOLOGIAS	Além de duas por ele organizadas, colaborou em mais outras três: <i>Vietname</i> , <i>Antologia de Poesia Açoriana</i> e <i>Para o Mundo de Todos os Homens</i> .	
OBRAS TRADUZIDAS	Colaborou em antologia de poemas, em Gávea-Brown.	

DANIEL DE SÁ

NASCIMENTO	Local	Maia
	Ilha	São Miguel
	Data	1944
ESTUDOS	Escola de São Pedro em Sta. Maria; em Santana, Ribeira Grande, curso de Magistério Primário em Ponta Delgada. Na congregação missionária	

	dos Combianos. Fez faculdade de Filosofia e 1º ano de Teologia em Valência. Faculdade de Teologia, por alguns meses, em Granada.	
MAGISTÉRIO	Em Fenais da Ajuda, por quatro anos. Depois, na Maia	
OUTROS TRABALHOS	Serviço militar em Tavira. Membro da Junta Regional dos Açores	
PUBLICAÇÕES	Novela, Crônica, Conto, Teatro, Romance, Ensaio, Poesia, Coleção turística. Autorretrato e autobiografia. Obras sobre as ilhas de Sta. Maria, S. Miguel, Terceira Edição histórica Sobre Peregrinos do Senhor Sto. Cristo.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS	Dead Houses' Shepherd; Santa Maria Island Mother	

DIAS DE MELO (APENAS NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO)

NASCIMENTO	Local	Calheta de Nesquim
	Ilha	Do Pico
	Datas ☼	08/04/25 † 24/09/08
ESTUDOS	Na cidade da Horta, completou o Curso do Magistério Primário.	
MAGISTÉRIO	No ensino primário e mais tarde, no Preparatório, em Ponta Delgada	
OUTROS TRABALHOS	Imprensa Oficial do Faial. Esteve na origem da Fundação da Associação Cultural Acadêmica. Além de ficção, fez, com trabalhos de campo, o levantamento da população baleeira da ilha onde nasceu; organizou uma espécie de dicionário temático da baleação, publicado em quatro volumes pela Secretaria Regional de Educação e Cultura, sob o título de <i>Vida Vivida de Baleeiros</i> , com dados biográficos dos baleeiros picarotos.	
PUBLICAÇÕES	Colaborador assíduo de jornais de S. Miguel. Escritor de todos os gêneros, segundo a Antologia de Melo, para a qual sua leitura "é um marco obrigatório"	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

EDUARDO BETTENCOURT PINTO

NASCIMENTO	Local	Gabela Cuanza
	País	Angola
	Data	1954
ESTUDOS	Morou temporariamente na Rodésia (Zimbabué), Ponta Delgada. No Canadá, desde 1983, atualmente nos arredores de Vancouver.	
MAGISTÉRIO		
OUTROS TRABALHOS	Funcionário público, Consultor de informática. Conferências nos EUA, Canadá, Portugal e Espanha	
PUBLICAÇÕES	Poesia, Ficção, Colaboração em Jornais (revista literária Aresta), suplemento literário Seixo do Jornal Correio dos Açores, atual editor da revista de artes e letras <i>Seixo Review</i> , na Internet.	

	Poesia em várias antologias nos EUA, Brasil, Portugal. Inglaterra e Letônia.
ANTOLOGIAS	
OBRAS TRADUZIDAS	

EDUÍNO DE JESUS

NASCIMENTO	Local	Freguesia de Arrifes, Ponta Delgada
	Ilha	São Miguel
	Datas	
ESTUDOS	Em Ponta Delgada: Curso Geral dos Liceus, Curso Complementar de Letras, Curso do Magistério Primário. Coimbra: Aluno voluntário na Faculdade Letras; frequentou Curso de Ciências Pedagógicas. Lisboa: Completou Curso de Letras iniciado em Coimbra, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura Portuguesa. Bordéus, França: frequentou Curso de Comunicação.	
MAGISTÉRIO	Professor durante 52 anos (1948-2000). Professor primário em Ponta Delgada, Lorrvão (arredores de Coimbra). Professor. no Ensino Técnico e Liceal em Lisboa. Ensino Superior em Lisboa: Universidades Nova e Clássica por mais de vinte anos. Professor de português também para estrangeiros e francês.	
OUTROS TRABALHOS	Cargos diversos: subdiretor e diretor de escola técnica. Comissão da reforma do antigo ciclo preparatório; Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício e preparação de novos formadores. Dirigiu e produziu programa literário para RTP. Colaborou em revistas, enciclopédia de literatura. Atuou em teatro e artes plásticas	
PUBLICAÇÕES	Poesia, conto, teoria e crítica da literatura, teatro, artes plásticas, ensaio, polémica, em jornais e revistas. Poesia, teatro e ensaio em livro.	
ANTOLOGIAS	Está representado em antologias poéticas em Açores, Portugal, E.U.A., Brasil, Eslováquia, Letônia.	
OBRAS TRADUZIDAS		

EMANUEL DE SOUSA

As autoras da Antologia alegam que "não foi possível contactar o Autor, quer em Portugal quer nos Estados Unidos, para obter uma nota biográfica mais completa"

EMANUEL FÉLIX

NASCIMENTO	Local	Angra do Heroísmo
	Ilha	Terceira
	Datas ☼ 24/10/36 † 14/02/04	
ESTUDOS	Iniciados nos Açores, fez sua preparação técnico-profissional no estrangeiro, designadamente em Paris – Instituto Francês de Restauro de Obras de Arte,	

	Na Bélgica: Escola Superior de Belas-Artes de Anderlecht e na Universidade Católica de Lovaina, especializando-se, nesta última, no Laboratório de Estudo de Obras de Arte por Métodos Científicos do Instituto Superior de Arqueologia e História da Arte. Fez visitas de estudos e estágios de longa duração nos museus de Paris, Ruão, Bruxelas, Liège, Amsterdão, Londres, Roma e Florença, "para mais não citar".
MAGISTÉRIO	Professor do ensino primário, secundário e superior. Lecionou Tecnologia da Pintura e Técnicas de Conservação e Restauro na Escola Superior de Tecnologia de Tomar, elaborando conteúdos programáticos para as disciplinas.
OUTROS TRABALHOS	Colaborou em consultoria, desenvolvimento de laboratório de restauro e direção de estágios em Tomar. Participou do grupo de peritos do "Projeto 10" do CDCC do Conselho da Europa, responsável por audições para estudo no desenvolvimento de diversas regiões europeias. Foi membro de instituições culturais em Portugal e no exterior.
PUBLICAÇÕES	Poesia, ensaio, conto, crónica, crítica literária. Artes plásticas. Introduziu o concretismo poético em Portugal. Artigos em jornais e revistas nos Açores, Portugal e no exterior.
ANTOLOGIAS	Representado em inúmeras antologias poéticas
OBRAS TRADUZIDAS	

FERNANDO AIRES

NASCIMENTO	Local	Ponta Delgada
	Ilha	São Miguel
	Datas → 18/02/28 † 09/11/10	
ESTUDOS	Ponta Delgada – Liceu Antero de Quental: Escola primária, Liceu, Curso Complementar de Letras. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas	
MAGISTÉRIO	Efetivo no Liceu Antero de Quental, cumulando cargo de orientador de estágios pedagógicos. Professor de Psicopedagogia na Escola de Magistério Primário de Ponta Delgada. Assistente convidado da Universidade dos Açores, de 1975 a 1994.	
OUTROS TRABALHOS	Pertenceu ao grupo que, em 1940, fundou o "Círculo Antero de Quental", na introdução do Modernismo nos Açores	
PUBLICAÇÕES	Poesia, ensaio e crónica em jornais. Colaborador assíduo da imprensa local e regional e também das revistas <i>Atlântica</i> e <i>Nova Renascença</i> . 1 diário bastante reconhecido nas Ilhas e objeto de crítica especializada em Portugal e nos EUA. (em 5 volumes). 1 livro de ficção autobiográfico. 2 volumes de contos premiados nos Açores.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

JOSÉ MARTINS GARCIA TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO

NASCIMENTO	Local	Criação Velha
	Ilha	Pico
	Datas	→ 17/02/41 † 04/11/02
ESTUDOS	Estudos de Liceu iniciados em Horta e terminados em Lisboa. Licenciou-se em Letras – Filologia Românica – em Lisboa.	
MAGISTÉRIO	Professor eventual no Liceu Nacional da Horta; Leitor de Português na UNIV. Católica de Paris. Lecionou na Faculdade Letras de Lisboa. Nos E.U.A., foi professor convidado da Brown University (Providence). Após doutorar-se na Universidade dos Açores foi aí professor e vice-reitor. Também Introduziu a disciplina Literatura e Cultura Açoriana.	
OUTROS TRABALHOS	Dirigiu a revista Arquipélago, na Universidade dos Açores.	
PUBLICAÇÕES	Ensaio, Conto, Poesia.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

MARCOLINO CANDEIAS

NASCIMENTO	Local	Angra do Heroísmo
	Ilha	Terceira
	Data	
ESTUDOS	Secundários, em Angra do Heroísmo. Bacharelou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, licenciando-se ainda em Línguas e Literaturas Modernas.	
MAGISTÉRIO	Professor estagiário, Assistente na Universidades dos Açores e de Coimbra. Leitor de Língua, Literatura e Culturas Portuguesa e Brasileira na Universidade de Montreal, tendo apresentado um primeiro pequeno projeto em Estudos Luso-Brasileiros	
OUTROS TRABALHOS	Diretor da Secção de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Montreal. Participou de vários Congressos com Conferências, na Maison Internationale de la Culture e na Societé des Ecrivains Canadiens, em Montreal. Posteriormente, nos Açores, foi Diretor da Casa de Cultura da Juventude de Angra do Heroísmo, no fim do mandato do VII governo e também no mandato do VIII Governo. Preside o Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo.	
PUBLICAÇÕES	Foi tido como voz importante do Grupo chamado de Geração Glacial, colaborando em jornais e revistas nacionais e estrangeiras. Publicou livros de poemas.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS	Alguns poemas traduzidos para inglês e eslovaco.	

MARIA DE FÁTIMA BORGES TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO

NASCIMENTO	Local	Ribeira Grande
	Ilha	São Miguel

	Datas	1943
ESTUDOS	Secundários em Ponta Delgada. Faculdade de Letras da Universidade de Letras. Obteve licenciatura na Universidade dos Açores, em Estudos Portugueses e Ingleses	
MAGISTÉRIO	Assistente Convidada na Universidade dos Açores, em Cultura Portuguesa	
OUTROS TRABALHOS	Bancária em Ponta Delgada	
PUBLICAÇÕES	Contos e crônicas em livro e em revistas de Ponta Delgada, de Barcelona e de Lisboa. Publicou ainda em Jornal de Lisboa (<i>Independente</i>) e em jornais locais	
ANTOLOGIAS	Aparece em <i>Antologia Panorâmica do Conto Açoriano</i> , de Lisboa (1978)	
OBRAS TRADUZIDAS	em <i>27 Erzähler Aus Portugal</i> , de Berlim, 1993	

ONÉSIMO TEOTÓNIO DE ALMEIDA TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE MELO

NASCIMENTO	Local	Pico da Pedra
	Ilha	São Miguel
	Data	1946
ESTUDOS	Seminário de Angra do Heroísmo e Universidade Católica de Lisboa. Licenciou-se em Filosofia na Brown University de Providence, Rhode Island, EUA, onde fez também Doutorado.	
MAGISTÉRIO	Filosofia e Literatura, na Brown University de Providence, tendo aí criado nova disciplina: "Literatura Açoriana". Leciona na Brown University desde 1975. Leciona também uma disciplina sobre Valores e Mundividências	
OUTROS TRABALHOS	Diretor do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University. Fundador e editor da revista Gávea-Brown	
PUBLICAÇÕES	Poesia, peças de teatro, ensaios, contos. Colaboração em jornais, revistas e rádio.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

URBANO BETTENCOURT TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO

NASCIMENTO	Local	Freguesia da Piedade
	Ilha	Pico
	Datas	
ESTUDOS	Estudos secundários no Seminário de Angra. Na faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, licenciou-se em Filologia Românica. Fez Curso de Doutoramento na Universidade dos Açores	
MAGISTÉRIO	Português e Francês nas Escolas da Amora, Bela Vista (Setúbal), Lagoa e Antero de Quental de 1980 a 1990. Desde 1990, leciona na Universidade dos Açores.	
OUTROS TRABALHOS	Participação de Colóquios, Encontros, no país e no estrangeiro, proferindo conferências sobre literatura açoriana e outras literaturas insulares. Viveu, na Guiné-Bissau, como miliciano, na patente de alferes, na guerra colonial. Aderiu ao movimento Glacial do jornal <i>A União</i> .	
PUBLICAÇÕES	Participação de Colóquios, Encontros, no país e no estrangeiro, com conferências sobre literatura açoriana e outras literaturas insulares.	
ANTOLOGIAS		

OBRAS TRADUZIDAS	
------------------	--

VICTOR RUI DORES

NASCIMENTO	Local	Vila de Santa Cruz
	Ilha	Graciosa
	Data	1958
ESTUDOS	Fixado na Ilha Terceira, estudou no Liceu Nacional e Angra do Heroísmo. Licenciou-se em Línguas e Literaturas (Inglês e Alemão), na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Estuda etnomusicologia e etnografia. Pesquisa sotaques, pronúncias e variantes dialetais das ilhas açorianas. Possui Certificado de Estatuto de Formador conferido pela Direção Regional de Educação e Formação em Didáticas Específicas (Inglês e Alemão) e Expressão Dramática	
MAGISTÉRIO	Escola Secundária Manuel de Arriaga, em Horta, ilha do Faial	
OUTROS TRABALHOS	Cumprido Serviço Militar, com patentes de aspirante e Alferes, na Força Aérea. Foi presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta. É representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação e Presidente da Assembleia Geral da "Azórica", Associação de Defesa do Ambiente. Ator e encenador no grupo de teatro da Escola Secundária Manuel de Arriaga, em projeto pelo qual é responsável desde 1988. Escreveu e encenou mais de 40 peças. Direção de ateliês e oficinas de Expressão Dramática. Apresenta e comenta espetáculos musicais. Colabora na RTP/RDP AÇORES.	
PUBLICAÇÕES	Poesia, Ensaio, Crítica Literária, Crónica. Crônicas para jornais e revistas nacionais, regionais e da diáspora.	
ANTOLOGIAS	Aparece em dez antologias: Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Instituto Camões, Institute of Governmental Studies Press/University of Califórnia, Berkeley, Gávea-Brown Publications, Providence, Rhode Island	
OBRAS TRADUZIDAS		

VASCO PEREIRA DA COSTA TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE MELO

NASCIMENTO	Local	Angra do Heroísmo
	Ilha	Terceira
	Data	
ESTUDOS		
MAGISTÉRIO	Ensino secundário por vários anos. Docente na Escola Superior de Educação de Coimbra, ligado à formação de professores	
OUTROS TRABALHOS	Diretor do Departamento de Cultura, Turismo e Espaços Verdes da Câmara Municipal de Coimbra. Conferências sobre Literatura e Pedagogia em: África do Sul, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Macau. Portugal, Senegal, Venezuela. Integrou grupo de trabalho "Culture sans frontières" da DG X da União Europeia para estudo de turismo cultural em cidades europeias de média	

	dimensão. Integrou, representando a A.P.E., vários júris de prémios literários, notadamente o Grande Prémio A.P.E. de poesia. Representante de Portugal no programa FAULT LINES da "True and Reconciliation Commission" da República da África do Sul. Trabalha em rádio e televisão em programas culturais e literários, também exercendo funções de consultor para programas infantis. Foi Diretor regional da cultura dos Açores e Cônsul Honorário da França em Coimbra. É pintor, sob pseudónimo Manuel Policarpo. Integra o Conselho Diretivo da Fundação Luso-Americana para Desenvolvimento.
PUBLICAÇÕES	Conto, poesia, romance, novela, nos Açores e Portugal
ANTOLOGIAS	Está na <i>Antologia da Poesia Açoriana</i> (Lisboa, 1977)
OBRAS TRADUZIDAS	Dois edições, em inglês, de <i>My Californian Friends</i> (aqui pergunto: obras traduzidas ou lançadas em inglês?)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Cristóvão (1994) *Passageiro em Trânsito*. Lisboa: Salamandra.
(2000) – *Relação de Bordo II*. Porto: Campo das Letras.
- CHRYSTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário (2011) – *Antologia Bilingue de Autores Açorianos* – trad. Chrys Chrystello, Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.
- ISAACSON Walter (2011) – *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, João de (1978) - *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*. Lisboa: Veja.
- LOBATO, Monteiro (1976) – *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense.
- Presidência do Governo Regional dos Açores Gabinete de Apoio à Comunicação Social – Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco de Aguiar – Disponível 11/09/2012
- PEREIRA, Isidro S.J. (1961) (Dicionário Grego-Português e Português-Grego. 3 ed. Porto: Apostolado da Imprensa
- Qdivertido.com.br (2003-2011). Contos infantis, historinhas e fábulas Disponível em janeiro de 2012.

2. CHRYS CHRYSTELLO, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, BRASIL 2010

A MUNDIVIDÊNCIA DA AÇORIANIDADE EM AUTORES CONTEMPORÂNEOS

INTRODUÇÃO

Literatura de significação açoriana, escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem. Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açores como Gaspar Frutuoso, o conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda,

Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Victor Câmara e Carlos Carreiro. Dos autores contemporâneos de que falarei aqui, selecionei alguns daqueles por quem nutro mais apreciação: Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo e Vasco Pereira da Costa.

1. LITERATURA AÇORIANA

A ilha para **Natália Correia** é Mãe-Ilha, para **Cristóvão de Aguiar**, Marilha, para **Daniel de Sá**, Ilha-Mãe, para **Vasco Pereira da Costa**, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu e tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, essa ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguidamente em mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da então (pen) ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente denominada Austrália, e nessa ilha esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

Com o tempo constatei o quase total desconhecimento do arquipélago para além do micaelense sotaque “de uma falsa sonoridade afrancesada” tão difícil de entender na ponta mais ocidental do antigo Império Português. Cumes de montanhas submersas que assomam, a intervalos, aqui no meio do Grande Mar Oceano onde se mantêm gentes orgulhosas e ciosas das suas tradições e costumes, em torno duma família nuclear dizimada pelo chamado progresso. Os políticos ocupados na sua sobrevivência sempre se olvidaram da presença mágica destas ilhas de reduzidas proporções e populações. Graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela, gente houve que aprendeu mal algo sobre este mundo à parte, quiçá ainda por descobrir. Como se fosse uma espécie de triângulo das Bermudas, onde tudo o que é relevante desaparece dos telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudou quanto à visibilidade real destas ínsulas, apenas evocadas pelas catástrofes naturais e pelo anticiclone do bom ou mau tempo.

Grandes vultos nasceram nos Açores, como **Gaspar Frutuoso** (1522-1591 historiador); **conde de Ávila**, marquês e duque de Bolama; **Manuel de Arriaga** (1840-1917), **Antero de Quental** (1842 -1891 filósofo e poeta); **Teófilo Braga** (1843 -1924 escritor e presidente da República); **Roberto Ivens** (1850-1898); **Tomás Borba** (1867-1950, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do século XX); **Francisco de Lacerda** (1869-1934, musicólogo, compositor e maestro); **Canto da Maya** (1890 -1981 escultor); **Domingos Rebelo** (1891-1975 pintor); **Vitorino Nemésio** (1901-1978 escritor) e **António Dacosta** (1914 -1990 pintor) para mencionar apenas alguns. Acolho como premissa o conceito de açorianidade formulado por **José Martins Garcia** que, «por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura», admite a existência de uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat,

duma vivência e duma mundividência»³. O polémico debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» criou entre os autores que se reuniam nos anos 80, amizades, inimizades, afinidades intelectuais e intertextualidades. Em “Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana”, **J. Almeida Pavão** (1988) afirma

“...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de **Borges Garcia** e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por **Gaspar Simões** e **Cristóvão Aguiar**. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de **Pedro da Silveira**, **Ruy Galvão de Carvalho**, **Eduíno de Jesus**, **Carlos Faria**, **Ruy Guilherme de Moraes**, **João de Melo** e outros mais, quase todos estes compendiados e mais ou menos discutidos na obra **A Questão da Literatura Açoriana**, de **Onésimo Teotónio de Almeida**, que passou a tornar-se órgão indispensável de consulta para quem de novo se proponha abordar o problema. Literatura Açoriana sé-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradição, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas.”

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema: A “Questão da Literatura Açoriana” (1983), “Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço” (1986) e “Açores, Açorianos, Açorianidade” (1989). Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura açoriana, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas. Em 1975, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista hoje extinto, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como um dos sinais da identidade nacional. Citando J. Almeida Pavão (1988)

“...de **Onésimo de Almeida**, diríamos que o seu critério, assente na *idiosincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o Almeida Firmino de Narcose ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de “As Ilhas Desconhecidas”. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de **insularidade e açorianidade** três extratos diversos de idiosincrasias:*

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;*
- *E ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão e este autor.”*

³ http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

Muito antes do Onésimo, **Eduino Borges Garcia** escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, publicados no semanário “A Ilha” e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão como sendo separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores açorianos a incluírem nos seus escritos a vida concreta do povo. Queria que a literatura escrita nos açores tendesse para o neorealismo, que refletisse a sociedade real. Hoje, é questão aceite e arrumada para a maioria enquanto se não define teoricamente a terminologia. No último Encontro Açoriano da Lusofonia, abril 2009, o escritor **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona. «O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

Machado Pires sugeriu em tempos “*literatura de significação açoriana*”, discursando sobre esse fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo “*Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto*” (p. 57). “Por isso, preferimos usar a expressão de literatura de significação açoriana quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaracterizante a designação de ‘açoriana’.” (p. 59 – “Para um conceito de literatura açoriana” in Raul Brandão e Vitorino Nemésio. Ensaios. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, col. “Temas Portugueses”, 1987). Outros preferem o termo “matriz açoriana”. Há vários tipos de autores, os açorianos residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destringir quais são os que se podem incluir nessa designação açórica.

«É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa» acrescenta **Eduardo Bettencourt Pinto**, um angolano, «escritor açoriano» por escolha própria. **Pedro da Silveira** (Flores 1922-2003) autor de A Ilha e o Mundo (1953) foi perentório:

«Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana.» (Silveira, 1977: 11). O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois, viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina (“Açores”, Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977)».

Lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo mingua de qualidade nem quantidade, mas, na maior parte dos casos sem projeção além das ilhas, com exceções contemporâneas como as de **João de Melo**, **Cristóvão de Aguiar**, **Daniel**

de Sá e Dias de Melo, para citar apenas alguns. Nos Colóquios da Lusofonia, na sua versão insular desde 2006 dos Encontros Açorianos, o ponto de partida foi o debate sobre a identidade açoriana, a escrita, as lendas e tradições, numa perspetiva da LUSOFONIA com todas as diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, *podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana*. Aspira-se a contribuir para o levantamento de fatores exógenos e endógenos que permeiam essa açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os fatores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do caráter açoriano. A meritória ação de várias entidades nas últimas décadas tem proporcionado um estreitamento entre açorianos, expatriados e descendentes numa forma fechada e limitada, quase conversas em família. Os Colóquios pretendem ir mais além, e levar os Açores ao mundo, em especial aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, pretende-se que mais lusofalantes e lusófilos fiquem a conhecer a realidade insular e as suas peculiaridades.

2. À DESCOBERTA DOS AUTORES

2.1. AS PRIMEIRAS LETRAS TRADUZIDAS

Era imperioso que alguém lesse os autores de origem literária açoriana, lhes insuflasse nova vida e os trouxesse à mais que merecida ribalta. Coube-me o privilégio de aprender diossincrasias insulares ao traduzir autores como **Daniel de Sá** e **Victor Rui Doreis**. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso que se lhes apõe na maioria dos dicionários. No Dicionário do Morais vêm todos os termos “chamados” açorianos. A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Trata-se de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra. Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Antes quis apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e locais de origem. Deduzi características relevantes para a açorianidade:

1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;
2. Os habitantes quedam quase tão distantes de Portugal como há séculos;
3. O recorte dos estratos sociais: é vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. A adjacência das gentes à terra persiste fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Um dos grandes escritores açorianos injustamente esquecido, **José Martins Garcia** nasceu na Criação Velha, Pico, a 17 de fevereiro de 1941, tendo feito os seus estudos iniciais no Pico e parte dos liceais na Horta. Em Lisboa licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras. Teve uma breve passagem pelo Liceu da Horta, antes da mobilização para a guerra na Guiné-Bissau (1966 -1968). Entre 1969 e 1971 foi leitor de Português em Paris. Foi professor na Faculdade de Letras de Lisboa, de 1971 a 1977, como assistente. Partiu para a América, onde lecionou na Brown University, entre 1979 e 1984, ingressando, de seguida na Universidade dos Açores, onde permaneceu até à sua morte, em 4 de novembro de 2002. Aqui introduziu a cadeira de Literatura e Cultura Açorianas e doutorou-se com uma tese sobre Fernando Pessoa e atingiu a cátedra. Ocupou o cargo de Vice-reitor e dirigiu a revista Arquipélago, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas.

A sua obra apresenta uma diversidade de intervenções⁴, que vão desde o ensaísmo, à poesia, passando pelo romance, pelo conto e pela crítica jornalística. No jornalismo português destacou-se, antes e depois do 25 de Abril, no República, Jornal Novo, A Luta, A Capital, o Diário de Notícias, O Diabo e a Vida Mundial. David Mourão-Ferreira, um dos maiores críticos literários do século vinte português, disse (1987) sobre José Martins Garcia:

“Se não vivéssemos, vicentinamente, num País em que a “barca do purgatório” anda sempre mais carregada que as outras duas / ... / o nome de José Martins Garcia deveria ser hoje unanimemente saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; / ... / com igual mestria tanto abrange os registos da mitificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo.”

Luiz Antônio de Assis Brasil analisou a obra de Daniel de Sá especialmente a narrativa de ficção (Ilha grande fechada. Lisboa: Salamandra, 1992; Crónica do despovoamento das Ilhas. Lisboa: Salamandra, 1995), a qual revela facetas bem características da denominada identidade insular, em especial da ilha de origem

“Coloca-se a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa sumptuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas coletivas, todos lhe conhecem a história. Intentando uma análise mais ampla, percebemos quanto os componentes tradicionais da literatura açoriana estão

presentes nessa obra: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras.”

2.2. DANIEL DE SÁ

Daniel de Sá, em “*O Pastor das Casa Mortas*” dá-se ao luxo de exportar, por mimética, para a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados. Calcorreia paixões sofridas por entre o pastoreio, numa verdadeira apologia da solidão física e mental. Este retrato é o de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só. O autor diz ser um livro dedicado “*Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.*” A narrativa traduz metaforicamente a ode ao açoriano apartado de si e do mundo, num amor impossível que nunca se concretiza nem quando a barca de Caronte ronda. A transposição do personagem deixa-nos na dúvida se a Teresa do “*Pastor*” não será irmã gémea da sua congénere que garante a digressão por “*Santa Maria: a ilha-mãe*”. Em ambas as obras “*as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca se ofender alguém.*” Trata-se de uma visita não ao “*despovoamento das ilhas*”, mas ao país real, montanhoso, interior e inacessível de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário coletivo naquilo que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Aqui não há a memória plural de Gaspar Frutuoso, mas a ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza só na digressão pela Beira Alta. As *Casas Mortas* são-nos apresentadas como o resultado inevitável e inelutável sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, personagens e leitor, que nos levou a rever enésimas vezes, cada passagem do livro para lhe darmos em inglês o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. Não era ocasião única, pois rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra ficcionada. A escrita de Daniel de Sá é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que prende da primeira à última página.

“*Santa Maria ilha-mãe*” é uma viagem ao passado, permeada de uma nostalgia quase lírica e da magia da infância de cores despreziosas, mas bem refulgentes. Fala-se do isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, ameaça constante a inculcar mais vincadamente as crenças de origem religiosa - na ilha pouco assolada por terramotos ou explosões piroclásticas. Essa *mundividência*, transporta-nos num interessante roteiro turístico. O título gerou controvérsia, na versão portuguesa e inglesa, como o próprio autor notaria: “*Não se trata de “mãe” com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen. É uma ilha que é mãe também...*” Diz-nos o autor “*O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro*” e todos nós sentimos os cheiros, as cores,

⁴ No ensaio e crítica: “Linguagem e Criação” (1973), “Cultura, Política e Informação” (1976), “Vitorino Nemésio. A Obra e o Homem” (1978), “David Mourão-Ferreira. A Obra e o Homem” (1980), “Temas Nemesianos” (1981), “Fernando Pessoa – “Coração Despedaçado” (1985), “Para uma Literatura Açoriana” (1987), “David Mourão-Ferreira – Narrador” (1987), “Vitorino Nemésio – à luz do Verbo” (1988), “Exercício da Crítica” (1995). No teatro: “Tragédia Exata” (1975) e “Domiciano” (1987). No conto: “Katafaraum é uma Nação” (1974), “Alecrim, Alecrim aos Molhos” (1974) “Querubins e Revolucionários” (1977), “Receitas para

Fritar a Humanidade” (1978), “Morrer Devagar” (1979), “Contos Infernais” (1987), “Katafaraum Ressurreto” (1992). No romance: “Lugar de Massacre” (1ª ed.: 1975), “A Fome” (1ª ed.: 1978), “O Medo” (1982), “A Imitação da Morte” (1982), “Contrabando Original” (1987) e “Memória da Terra” (1990). Na poesia: “Feldegato Cantabile” (1973), “Invocação a um Poeta e Outros Poemas” (1984), “Temporal” (1986), “No Crescer dos Dias” (1996).

as melopeias que nos descreve. A escrita de Daniel de Sá vagueia por tempos infindos. Os personagens credíveis servem de conduto e transportam-nos ao local para partilharmos sentimentos com os interlocutores.

Como tradutor, senti uma espécie de síndrome de Estocolmo, ficara cativo e apaixonado pelos captivos. Teria de escrever um livro que me libertasse da poção mágica que ingerira na escrita doutrem, e daí nasceu o volume 1 da “Crônicas Açores: uma circum-navegação”.

Este o efeito avassalador que os autores açorianos inculcam naqueles que aqui não nasceram. Magistralmente, a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald afirmou,

“A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte

2.3. DIAS DE MELO

Dias de Melo escreveu

“A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim”

Surpreendo-me com a minha própria ignorância. Até maio de 2008 pouco ou nada sabia sobre este autor que convidei a estar presente no 3º Encontro da Lusofonia para representar a literatura açoriana que quis dar a conhecer aos que nem sequer sabiam da sua existência. **Dias de Melo** era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia cada palavra, pois era um baleeiro da ilha do Pico, homem do mar, pescador, marinheiro, mestre de lancha. Escreveu como se da janela da sua “Cabana do Pai Tomás” no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

Andei meses na descoberta da genialidade, da sinceridade da obra que já li. Foi uma paixão literária à primeira vista, pois a sua escrita flui e embrenha-se como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se tivesse que resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA. É da sua denúncia que trata ao abordar temas como a emigração, a vida no Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão no Estado Novo, e em todas, para além dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça.

Entendendo as suas obras e a sua luta fica-se com a sensação de pertencermos à mesma família, uma espécie de alter-ego daquilo que gostaríamos de ter sido. Dias de Melo ficará inexoravelmente conhecido como o escritor da baleação. Coube-lhe a sorte de ter recebido merecidas homenagens públicas nos últimos meses de vida e a editora VerAçor reeditou alguns dos seus melhores livros. Cumpre-nos não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações. Dias de Melo era um espetador atento da luta quotidiana e da condição humana e resolveu contá-la

ao mundo. Disso vos trago testemunho na certeza de que só o honraremos se o continuarmos a ler e a traduzir.

2.4. CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Deixei propositadamente para agora fim outro autor favorito. Lamento apenas que este processo de aprendizagem seja lento se bem que recheado de surpresas inolvidáveis. **Cristóvão de Aguiar** é um escritor incómodo pois não só se libertou das grilhetas do espaço confinado das ilhas como conseguiu provar com a sua prolífica produção literária aquilo que mais se entreteve a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, com fama de inabalável, Cristóvão não se limita a ser controverso, domina a língua como poucos embora padeça da falta de confiança típica dos grandes escritores.

Nunca se dá por satisfeito ao burilar no basalto da sua ilha adotiva do Pico as letras com que nos entretém. Como esteve do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Também consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra onde nasceu, em São Miguel, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica de fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor para além de dinheiro e outros bens materiais. Ao escrever sobre a ilha em que nasceu diz:

São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados... Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. ...

Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluídas com todos os poderes..., foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisto esse terreno enfiado de tanta aridez fermentada e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra-subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.

Cristóvão é um permanente passageiro em trânsito, título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. Ele é a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem ou mal. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam que fosse eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores

da gleba. Grandes narrativas que se assemelham a uma técnica de *travelling* em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos e nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara detém-se e escalpeliza a alma daqueles que ele filma com as suas palavras aceradas como vento mata-vacas que sopra do nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria em 1996:

"A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço... Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeadada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação... Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblia. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo.

Cristóvão de Aguiar, já o disse, não é um autor fácil nem facilitista, exige quase tanto dos seus leitores como de si mesmo, ele é o magma de que são feitas as gentes de bem destas ilhas. Tal como as palavras sentidas, gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas, mas que encontro na Relação de Bordo I do Cristóvão de Aguiar. Este autor que ora descubro como se o conhecesse há muito, como se tivéssemos sido irmãos ou *compagnons de route à la Jack Kérouac na Route 66*, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo papel onde escrevo. Verdade seja que ando imerso na sua escrita Tateando como um recém-nascido às escuras fora do ventre materno. Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Se agora encontro neste amigo novo um escritor (ou terei encontrado um escritor que é um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha... Como ele diz (Relação de Bordo II pp. 199-200)

Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que conosco carregámos...

Quando aprecio a obra dum autor não sei como fazê-lo, nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão que estudos em Humanidades não tive nem meus pais me deixaram, e sou como sou e a meu pai o devo tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos uma

raison d'être nas nossas mentes conturbadas. Cristóvão afirmava a propósito dos Colóquios da Lusofonia na Lagoa em março / abril de 2009:

"Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual... Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvenenar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos.

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas, mas percorre uma viagem tridimensional recheada pelos sentidos que fluem da escrita como lava "pahoe-hoe" (pron. *pah hoi*) de aparência viscosa, mas fluida, brilhante e entrançada como cordas prateadas. Outros autores subitamente parecem ser do tipo lava "A a" (*ah ah*), grossa e áspera, um magma de rochas solidificadas que são empurradas. Aqui nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à pedrapomes que é o piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de *vesículas* disseminadas na rocha e as vesículas de tal modo estanques, que a rocha pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo conseguido escapar para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos *ad eternum* todos os leitores.

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no nosso imaginário. Foi ela que nos instigou a escrever esta lamentação com o frémido ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...para que também ela desate as grilhetas que a encarceraram no passado e ele se desobrigue finalmente dessa tarefa hercúlea de carregar a sua ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas. Ele é o mais lídimo representante da mundividência açoriana na escrita contemporânea e tarefa dos Colóquios da Lusofonia torná-lo mais benquisto e conhecido no mundo inteiro.

2.4. VASCO PEREIRA DA COSTA,

Quedemo-nos, doravante, na perspicaz apreciação que faz Cristóvão de Aguiar da obra de Vasco Pereira da Costa intitulada *Nas Escadas do Império*:

"Não é por acaso que Vasco Pereira da Costa, poeta de mérito, mas ainda no silêncio da gaveta, se apresenta no mundo das letras sobraçando uma

coletânea de contos. Numa terra onde quase todos sacrificam às (as) musas e se tornou quase regra a estreia com um livrinho de poemas, a atitude (ou opção) do autor de *Nas Escadas do Império* não deixa de ser de certo modo corajosa como corajosos são os contos que este livro integra.

Não fora o receio de escorregar na casca do lugar-comum, e eu diria que esta mancheia de contos vivos, arrancados com mãos hábeis e um sentido linguístico apuradíssimo ao ventre úbere, mas ainda mal conhecido, da sua terra de origem, vem agitar as águas paradas, onde se situa o panorama nebuloso e um tanto equívoco da literatura de expressão açoriana. O conto que abre esta coletânea, *Faia da Terra*, é bem a prova do telurismo, no sentido torquiano do termo, de que o jovem escritor (*Angra do Heroísmo*, junho de 1948) está imbuído, sem cair no pitoresco regionalista, tão do agrado de muitos escritores açorianos. Não resta a mínima dúvida de que o *Gibicas*, *A Fuga* e outras peças de antologia que aqui figuram vêm contribuir para o enriquecimento do conto português de especificidade e característica açoriana. Contudo, Vasco Pereira da Costa corre o risco (e ele mais do que ninguém disso está consciente) de vir a ser queimado nas labaredas inquisitoriais de certos meios ideológico literários açorianos que têm tentado, oportunisticamente, mas sem raízes verdadeiras, edificar [...] uma literatura açoriana em oposição à Literatura Portuguesa. *Nas Escadas do Império*, quer queiram ou não os arautos da mediocracia, vem dizer-nos exatamente o contrário.”

Com efeito, não podia deixar de ser mais justo o juízo de valor supracitado. Em primeiro lugar, estreia-se Vasco Pereira da Costa, em 1978, com uma coletânea de contos, *Nas Escadas do Império*, à qual se seguirão a novela *Amanhece a Cidade* (1979), publicada em Coimbra pela Centelha; a memória *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo* (1980), dada ao prelo em Lisboa; os poemas de *Ilhíada* (1981), editados em Angra do Heroísmo; *Plantador de palavras Vendedor de lérias*, antologia de novelas galardoadas com o prémio Miguel Torga – cidade de Coimbra no ano de 1984; *Memória Breve*, datada de 1987 e surgida em Angra do Heroísmo; *Risco de marear* (Poemas), vindo a lume, em 1992, na cidade de Ponta Delgada; e, por fim, três obras poéticas, a saber *Sobre Ripas Sobre Rimas*, *Terras* e *My Californian Friends*, respetivamente publicadas em Coimbra, Porto e Gávea Brown, com data de 1994, 1997 e 1999.

Em segundo lugar, urge referir a originalidade de Vasco Pereira da Costa, evidente tanto na sua obra poética como na sua obra em prosa, que vem, segundo o Autor de *Raiz Comovida*, agitar as letras açorianas. Assim sendo, e numa perspetiva temática, cumpre realçar o telurismo genuíno patente em “*Faia da Terra*”, história do enamoramento de Teresa por um americano da Base, da sua subsequente partida para o Novo Mundo, já com o nome de Mrs. Teresa Piel, e da secagem da faia, dois meses após a descolagem do avião da *Pan America*. Nesta novela inaugural perpassam vivamente, como que fotografadas ao vivo, as rotineiras fainas insulares que, pela via da repetição, regem o quotidiano do ilhéu:

“*Era sexta-feira e a mãe amassava o crescente com a farinha de milho. No forno estalavam a rapa, o eucalipto e o loiro: [...]. Lavou depois as folhas de botar pão e veio sentar-se ao pé dos meus socos de milho – bois de veras, espetados com palhitos queimados arremedando os*

galhos – no estrado do meio-da-casa. Arrumou as galochas no sobrado [...]” (1978: 11).

Por vezes, é a loucura insular que faz a sua aparição em cena, na figura do poeta Vicente, “*um Côte-Real impotente, tacanho e degenerescente*” (1978: 71), o qual, volvido esse tempo em “*que escrevia coisas tão lindas, de tanto sentimento*”, tem o despautério de acumular guarda-chuvas na falsa e de publicar no jornal da Ilha desairosos alinhavos poéticos: “*Prometeu / Prometeu / Não cumpriu / A promessa / Homessa! / /*” (“*A Fuga*”, 1978: 74). Ainda a respeito do Autor de *Memória Breve*, cumpre salientar o seu apurado sentido linguístico, responsável pelo discurso das personagens (direto, indireto e indireto livre) que, caricaturalmente individualizado, se torna emblema de um falso cosmopolitismo insulano, ao qual não é alheio o inevitável açorianismo:

“*Os americanos [...] Abancam mesmo rés-minés ao lado dos ingleses. Cinco. [...]*

*Cham-pa-gne!!
Everybody drinks!
Ei, seinhore!
Today, pay day!*

Ouviste? Olha que o mar não está de lapas! [...]. Nove taças na bandeja; [...]

Os ingleses que no thank you; os americanos que yes, que sim senhor; os ingleses, dedos a abanar, que nada de caltraçadas, just Porto Wine; os americanos, pegadinhos, que O.K. para cima, que O.K. para baixo, [...] Nosso Senhor os aparte em bem. Se assim não fora, tínhamos para aí camponia.” (“Belmiro & Delmiro”, 1978: 42-43).

Em terceiro lugar, e ainda na ótica de Cristóvão de Aguiar, a coragem de Vasco Pereira da Costa, que a sátira, nas suas diversas vertentes, revela à saciedade. Assim sendo, atente-se quer na crítica ao salazarismo, regime repressor, totalitário e punitivo dos que ousam transgredir as regras impostas - “*Como vim aqui [à ilha] parar? É simples: por ser anarquista e não peitear o Manholas de Santa Comba*” (“*O Manel d’Arriaga*”, 1978: 31) -, quer na crítica à mentalidade mediocre, cuja pequenez constrangedora se espraia, em espaço íntimo e público, pela vida de outrem tão sigilosamente resguardada quanto violada de supetão - “[...] *cada qual dava a sua sentença, todos em grande pensão, e não havia alcatra de couves que, à hora da ceia, não fosse temperada com palpites de desenlace.*” (“*Primavera*”, 1978: 59) / “*Todas três varadas pela língua maledicente de uma cidade [...] Tocava-lhes a vez de serem as atrizes da comédia, a elas, que sempre foram espetadoras críticas nas melhores coxias.*” (“*A Fuga*”, 1978: 75) -, quer na crítica ao jornalismo barato e ao provincianismo dos articulistas, cujo discurso, pouco inovador, se vai ritualizando - “*Começou então o embaraço. No jornal de amanhã, por entre os aniversários da gente fina [...] as partidas e as chegadas, os partos e as notícias do País e do Estrangeiro, os casamentos e os pedidos de, os horários de barcos e de aviões, as orações ao Menino Jesus de Praga e ao divino Espírito Santo [...]*” (“*A Fuga*”, 1978: 82-83) -, quer, por fim, na crítica a uma certa ‘cultura de superioridade’ que ‘Mestre’ Gibicas se apresta a denegar: “[...] *estávamos de língua entre os dentes para sibilar o th. O professor fazia empenho pois [...] era uma vergonha virem por aí abaixo os americanos e nós sem sabermos agradecer. [...]. Até que foi a tua [Gibicas] vez. [...]. Agarraste na caixinha vermelha,*

azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera: - SANABOBICHAS!" ("Gibicas", 1978: 137-138-141). Em asterisco de rodapé, explica o Autor o neologismo: "Son of a bitch".

Em quarto lugar, a variedade genológica em que se move o Escritor homenageado, desde o conto e a novela, até à memória e à "crónica" breve, passando pela Poesia.

E, a este propósito, não resistimos à tentação de transcrever o poema

"Dinis, the Portuguese teacher" –

*Na língua ausente a saudade maior
na palavra saudade a língua viva
Não a saudadinha de folclore
pitoresca e digestiva
constitucional e estatutária
de meter dó em dó menor
no caldo verde no rubro chouriço
Mas a saudade necessária:
Apenas quatro sílabas de compromisso (My Californian Friends, 1999: 17) -*

- bem como o poema "Rose era o nome de Rosa":

*A mãe disse não mais
não mais eu não mais tu filha
não mais nomes na pedra do cais
não mais o cortinado da ilha*

*não mais Rosa seja Rose agora
não mais névoas roxos ais
não mais a sorte caipora
não mais a ilha não mais*

*Porém Rose o não mais não quis
e quis ver a ilha do não mais
o cortinado roxo infeliz
os nomes na pedra dos cais*

*Pegou em si e foi-se embora.
Não mais Rose. Rosa outra vez agora.
(My Californian Friends, 1999: 25).*

Não estaremos nós perante a açorianidade?

Chrys chrystello fev.º 2010

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

- Almeida, O. T. (org.) (1983), *A Questão da Literatura Açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação* [as diversões teóricas ao longo do tempo e algumas posições polémicas]. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (org.) (1986), *Da Literatura Açoriana. Subsídios para um Balanço*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (1989), *Açores, Açorianos, Açorianidade – Um Espaço Cultural*. Ponta Delgada, Signo.
- Carvalho, R. G. (1956), Possibilidades de uma literatura de significação açoriana. *Insulana*, XII: 216-221.
- Costa, Vasco Pereira da. (1978) *Nas Escadas do Império*. Coimbra: Ficção Centelha.
- Costa, Vasco Pereira da. (1999) *My Californian Friends*, Gávea Brown: Palimage Editores.
- Freitas, Vamberto (1999), Discursos culturais nos Açores: uma estética da territorialidade, *In A Ilha em Frente. Textos e da Fuga*. Lisboa, Salamandra: 15-29.
- Garcia, E. B. (1953). *Para uma Autêntica Literatura Açoriana*, Suplemento Literário de *A Ilha*, Ponta Delgada: 1-32.
- Garcia, J. M. (1987). Ainda a questão da Literatura Açoriana *In Para uma Literatura Açoriana*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 9-32. Id. (1987), Atualidade da Literatura Açoriana, *In Ibid.*: 111-124. Id. (1987), A criatividade artística e os Limites e Barreiras, *In Ibid.*: 125-138.
- Jesus, E., Para uma teoria de Literatura Açoriana. *Atlântida*, I, 4: 201-205. 1957),
- Machado, M. U. B. (1983), Antologia de poesia açoriana, *In O Gosto das Palavras*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura: 77-87. Id. (1995), Da Literatura Açoriana – notas (muito lacunares) para uma aproximação à *das Palavras II*. Ponta Delgada, *Jornal da Cultura*: 13-16.
- Nemésio, V. (1923). Por que não temos Literatura Açoriana [entrevista com Vitorino Nemésio, por Rebelo de Beja].
- Almeida, O. T. (org.) (1983). *A Questão da Literatura Açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (1932). Açorianidade *Ínsula*, Ponta Delgada, 7-8. Id. (1946), O poema romance. *Diário Popular*, 8 de maio. Pavão, J. A (1991). Constantes da insularidade numa definição de Literatura Açoriana. *In Caminheiros da Cultura*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 133-152.
- Pires, A. M. B. M. (1983). Para a Discussão de um Conceito de Literatura Açoriana. *Boletim do Instituto Histórico da Terceira*, XLI: 842-858. Id. (1987). *A Identidade Cultural dos Açores*, Sep. de *Arquipélago* (série Línguas e Literaturas), 1997), Os Açores antes do 25 de abril. Alguns Indicadores Culturais, *Insulana*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 33-49.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA:

- A produção literária açoriana nos últimos dez anos (1968-1978), *Separata Colóquio / Letras*, n.º 50, Lisboa, Fundação Gulbenkian, julho / 1979.
- Aguiar, Cristóvão de. *Raiz Comovida*, Trilogia Romanesca. 2.ª ed., Lisboa, Ed. Caminho, 1987.
- AGUIAR, Cristóvão de, *Raiz Comovida – A Semente e a Seiva*, Coimbra, Centelha, 1978.
- AIRES, Fernando, *Memórias da Cidade Cercada*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.
- Almeida, Onésimo "Coração Despedaçado a Morder Devagar" Da experiência americana de José Martins Garcia". *In Arquipélago. Línguas e Literaturas*. vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 29-45. (2001 / 04)
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio, «Sapa»teia Americana, Lisboa, Vega, 1983.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *The Sea Within*, Providence, Gávea-Brown, 1983.
- BATISTA, Adelaide, João de Melo e a Literatura Açoriana, Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1993.
- BETTENCOURT, Urbano, *O Gosto das Palavras III*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999.
- Borges, Nair Odete da Câmara. *Influência anglo-americana no falar da ilha de S. Miguel (Açores)*. Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, sep. de *Revista Portuguesa de Filologia*, 1960.
- Brandão, s.d. Brandão, Raul. *As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens*. Lisboa, Perspetivas & Realidades, s.d.
- BRASIL, Luís António de Assis, "A Narrativa Açoriana pós-Vinte e Cinco de Abril", in *Organon*, vol. 8, n.º 21, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, pp. 71-79.
- CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando, *Antologia de Poemas*, 2.ª ed., Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1989.
- COSTA, Vasco Pereira da. *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*, Coimbra, Câmara Municipal, 1984.
- Coutinho, Gago. "Descoberta dos Açores", *Seara Nova* (Lisboa), XI (1930), p. 258-71, com mapa;

- Da Literatura Açoriana (org. e Intro De...), Angra, SREC, 1986.
- Da Silva Ribeiro, Luís. Formação histórica do povo dos Açores, in Açoriana, Angra, 1941.
- De Freitas, Jordão. As Ilhas do Arquipélago dos Açores na História da Expansão Portuguesa, Lisboa.
- de Mesquita, Roberto. Almas Cativas e Poemas Dispersos. Coleção Poesia, Ed. Ática, Amadora, 1973, p. 195.
- de Sá, Daniel. Crónica do despovoamento das Ilhas. Lisboa: Salamandra, 1995.
- de Sá, Daniel. O Pastor das Casa Mortas, Ponta Delgada, ed. VerAçor, 2007
- de Sá, Daniel. Santa Maria, Ilha-Mãe, Ponta Delgada, ed. VerAçor, 2007
- Dias, Urbano de Mendonça. Os Meus Contos. Vila Franca do Campo, 1945.
- Dias, Eduardo Mayone. Açorianos na Califórnia. Angra do Heroísmo, Sec. Regional de Educação e Cultura, 1982.
- Dias, Maria Alice Borba Lopes. Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1982.
- Dores, Victor Rui "Contos Infernais ou a efabulação do poder". In Signo. Jornal de Letras e Artes, 16, 4. (1987).
- Duarte, Noélia "David Mourão-Ferreira e José Martins Garcia: o 'ofício de escrever". In Arquipélago. Línguas e Literaturas. vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 109-131. (2001 / 04)
- Exercício da Crítica, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.
- FÉLIX, Emanuel, A Viagem Possível, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1993.
- FÉRIN, Madalena, A Cidade Vegetal, Angra, SREC, 1987.
- Figueiredo, Jaime de, Ilha de Gonçalo Velho, C. de Oliveira Lda, Lisboa, 1954
- FIRMINO, Almeida, Narcose, Angra, SREC, 1982.
- FREITAS, Vamberto, O Imaginário dos Escritores Açorianos, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.
- Frutuoso, Gaspar, Saudades da Terra, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-1987, 6 livros e 8 volumes
- GARCIA, José Martins, Memória da Terra, Lisboa, Vega, 1990.
- GARCIA, José Martins, Para uma Literatura Açoriana, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.
- GARCIA, José Martins, Temporal, Providence, Gávea-Brown, 1986.
- GUERRA, Rodrigo, A Americana, Angra, SREC, 1980.
- JESUS, Eduino de, "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade", in Estrada Larga, vol. 3, Porto Editora, [s / d], pp. 425-430. O artigo termina referenciando livros de finais dos anos 50.
- Machado, F. S. de Lacerda. Vocabulário Regional colhido no concelho das Lajes (ilha do Pico). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917.
- Maia, Maria Lúcia Borba e. O Falar da Ilha Terceira. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (dissertação de licenciatura). 1965
- Mar Cavado. Da Literatura Açoriana e de Outras Narrativas, Lisboa, Ed. Salamandra, 1998.
- MARTINS, J. H. Borges, Nas barbas de deus, Lisboa, Salamandra, 1999.
- Medeiros, Maria de Jesus Chichorro de. A Linguagem Micaelense em alguns dos seus aspetos. Dissertação de Licenciatura, Lisboa, Faculdade de Letras, 1964.
- MELO, Dias de, Pedras Negras, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1985.
- MELO, João de, Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Lisboa, Vega, 1978.
- MELO, João de, Gente Feliz com Lágrimas, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1988.
- MELO, João de, Toda e Qualquer Escrita, Lisboa, Vega, 1992.
- Mendonça, Elsa Brunilde Lemos de. «Ilha de São Jorge (subsídio para o estudo da etnografia, linguagem e folclore regionais)». Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo, XIX - XX, 1961-62.
- MESQUITA, Roberto de, Almas Cativas e Poemas Dispersos, Lisboa, Ed. Ática, 1973
- Mourão-Ferreira, David Cartas de Amor de Fernando Pessoa. Lisboa: Ática. (1978)
- Nemésio, Vitorino. A Casa Fechada. Novelas. 2.ª ed., Lisboa,, Livraria Bertrand, 1979.
- Nemésio, Vitorino. Mau Tempo no Canal. Lisboa, Livros Unibolso, Ed. Associados, col. «Biblioteca Universal».
- NEMÉSIO, Vitorino, "Açorianidade" in Insula, n.º 7-8, Ponta Delgada, julho, 1932.
- NEMÉSIO, Vitorino, Mau Tempo no Canal, 7.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1994.
- NEMÉSIO, Vitorino, Poesia I, II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.
- Nemésio, V. – à luz do Verbo, Lisboa, Vega, 1989.
- Nemésio, V – Rouxinol e Mocho, Praia da Vitória, Câmara Municipal, 1998.
- Nemésio, V. "O Poeta e o Isolamento: Roberto de Mesquita", in Conhecimento de Poesia, Editorial Verbo, 1970, p. 149.
- Nemésio, V. "Poemas ilhéus", in Colóquio - Letras, n.º 41, janeiro de 1978.
- OLIVEIRA, Álamo, Com Perfume e com Veneno, Lisboa, Ed. Salamandra, 1997.
- OLIVEIRA, Álamo, Impressões de Boca, Angra, SREC, 1992.
- ORRICO, Maria, Terra de Lídia, Lisboa, Ed. Salamandra, 1994.
- Pavão, J. Almeida. Aspetos Populares Micaelenses. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1981.
- Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa (1984) Lisboa: Instituto Português do Livro. Pereira da Costa, Vasco. Nas Escadas do Império: Contos. Coimbra, Centelha, 1978.
- PEREIRA DA COSTA, Vasco, Ilhíada, Angra, SREC, 1981.
- PINTO, Eduardo Bettencourt, Menina da Água, Ponta Delgada, Editorial Éter, 1997.
- PINTO, Eduardo Bettencourt, Os Nove Rumores do Mar – Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea, 3.ª ed., Lisboa, Instituto Camões, 2000.
- Pires, António Manuel Bettencourt Machado. A pastorícia dos b ovinos na Ilha Terceira. Dissertação de licenciatura, Lisboa. 1968
- Pires, A. M. B. M. Para a Discussão de um Conceito de Literatura Açoriana. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, XLI: 842-858. (1983), Id. (1987), A Identidade Cultural dos Açores, Sep. de Arquipélago (série Línguas e Literaturas), IX. Id. (1997), Os Açores antes do 25 de Abril. Alguns Indicadores Culturais, Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 33-49.
- Pires, A. Machado "José Martins Garcia um 'intelectual em estado puro". In Arquipélago. Línguas e Literaturas. vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores: 171-177. (2001 / 04)
- PIRES, António M. B. Machado, Raul Brandão e Vitorino Nemésio, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988.
- QUENTAL, Antero de, Sonetos, 5.ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1976.
- RIBEIRO, Luís da Silva, Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.
- RODRIGUES, Rui Duarte, Com Segredos e Silêncios, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1994.
- Rosa, 1904 Rosa, P.e Nunes da. Pastorais do Mosteiro. Bandeiras, 1904.
- Rosa, 1978 Rosa, P.e Nunes da. Gente das Ilhas. 2.ª ed., Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.
- ROSA, Nunes da, Gente das Ilhas, 2.ª ed., Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.
- SÁ, Daniel de, Ilha Grande Fechada, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.
- Santos Barros, J. H., O Lavrador de Ilhas — 1. Coleção «Gaivota» Angra do Heroísmo, 1982.
- Saramago, João. Le parler de l'île de Corvo. Grenoble, Centre de Dialectologia de l'Université Stendhal-Grenoble III / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1992.
- Seis Poetas Micaelenses, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1988.
- Serpa, José Machado de. A Fala das Nossas Gentes. Ponta Delgada, Signo, 1987.
- SILVA, Heraldo Gregório da, Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio, Angra, SREC, 1985.
- SILVEIRA, Pedro da, Antologia de Poesia Açoriana – séc. XVIII a 1975, Lisboa, Sá da Costa, 1977.
- SILVEIRA, Pedro da, "O conto açoriano e os seus caminhos", in Estrada Larga, vol. 1, Porto Editora, [s / d], pp. 545-547.
- SILVEIRA, Pedro da, Fui ao Mar Buscar Laranjas -1, Angra, Direção Regional da Cultura, 1999.
- TERRA, Florêncio, Contos e Narrativas, 2.ª ed., New Bedford, Promotora Portuguesa, 1981.
- VAZ, Katherine, Saudade, Lisboa, Asa, 1999.

Tenho, ainda, em minha mente a imagem de Dias de Melo, no saguão da Câmara Municipal da Lagoa, nesta maravilhosa ilha de São Miguel, Açores, na tarde de 8 de maio de 2008. Estávamos todos participando do III Encontro de Lusofonia e, entre uma palestra e outra, vi o escritor, sentado atrás de uma pequena mesa ao lado da Bandeira do Divino Espírito Santo, que havíamos trazido de Biguaçu, Santa Catarina: cumprimentava-me calmamente enquanto autografava o seu livro *Mar Pela Proa*. Simpático, avançado na idade, deixava transparecer a saúde já um tanto debilitada. Era uma figura magnífica.... Sua imagem gravei – e continua gravada – em minha mente, e essa foi a razão pela qual o escolhi como tema desta intervenção.

O trabalho literário de Dias de Melo expressa a identidade máxima do povo açoriano. Como exemplo, estão seus livros relacionados à aventura da pesca das baleias na ilha do Pico. *Mar Rubro*, *Pedras Negras* e *Mar Pela* nos fornecem elementos para a história da pesca na Ilha do Pico entre 1876 e 1983, período em que se fundou a primeira armação de pesca. Foram mais de 50 anos de vida literária. Ao abrir a internet no dia 24 de setembro de 2008, vejo a foto de Dias de Melo ao lado de uma baleeira; como fundo, duas casas de pedras negras. Leio: “Faleceu hoje em Ponta Delgada o escritor picoense Dias de Melo”. Fiquei surpresa, orei e lembrei sua figura ao me autografar aquele livro. Mais adiante leio: Governo dos Açores inaugura Museu Dias de Melo. Mais que merecido! Agora só nos resta a saudade de tão meiga e complexa figura: Dias de Melo. E sua obra! Foi um homem solitário e solidário, viciado em seu cachimbo. Publicou aproximadamente 34 livros.

Divulgou o arquipélago, nunca esquecendo a luta do homem do mar. Sobre ele, testemunha Fernando Aires em seu *Diário III* (2003: 192):

O drama de Dias de Melo é estar sozinho – a solidão a minar-lhe a vida fibra a fibra. Vê-se-lhe na cara, na voz, na dificuldade com que (ainda) se presta aos rituais da convivência. Sozinho – um estado de alma que nem a farmácia nem os amigos podem resolver. E então atira-se ao trabalho. [...]. Vai enchendo com desespero e tenacidade folhas de papel com a sua letra espremida, difícil, enrugada das coisas assustadoras da vida.

É o refazer incessante de um barco cheio de rombos e de fendas. Um refazer de tábuas e de velas. De rumos a fingir que a vida ainda vai por aí a fora, com toda a aparência de um projeto que continua. Dias de Melo, nasceu na Ilha do Pico, em Calheta do Nesquim, no dia 8 de abril do ano de 1925. A mesma Calheta do Nesquim que serve de cenário à impressionante “narrativa açoriana” *Pedras Negras*. Foi poeta, contista, cronista, romancista e novelista – enfim, um exímio narrador – memorialista e pesquisador. Nas palavras de José Martins Garcia (1995: 229):

Uma personalidade curiosa inquieta, ora voltada para as profundas interrogações sobre a vida e a morte e ora voltada, com notável poder de observação para a realidade circundante, ora voltada para o sentido do seu estar no mundo, ora voltada para a condição dos seus semelhantes, muito especialmente dos que lutam e sofrem em terras e mares dos Açores ou que, longe dos Açores,

lutam e sofrem com a Ilha no mais íntimo da memória. *Fez seu curso primário na Horta e foi professor em Ponta Delgada. Aos 12 anos já escrevia para o jornal “O Telégrafo”. Colaborou também com o jornal “Açores”, “Ilha”, “Diário de Notícias” e “Diário de Lisboa”.*

Na década de 50 fez poesias e foi nessa época que editou *Toadas do Mar e da Terra*, ocasião também em que seu romance *Pedras Negras* era traduzido para o inglês. Dias de Melo foi Conselheiro Cultural na Embaixada de Portugal em Madri. Seu trabalho literário expressa a identidade máxima do povo açoriano e nos traz elementos de muito valor, na área e para a história desse povo, principalmente da gente humilde da sua ilha, que vive num sistema de escassez. Como exemplo estão seus livros relacionados à aventura da pesca da baleia na ilha do Pico. Claro, Dias de Melo como ninguém podia falar sobre baleeiros, pois ele mesmo foi um deles, não por muito tempo, mas esporadicamente exerceu sim, esse trabalho e ali nesta zona baleeira viveu longos anos de sua vida. Acertadamente, Cristóvão de Aguiar, a partir dessa circunstância refere-se em “Relação de Bordo” (1979) que Dias de Melo ficará para a posteridade como um símbolo do homem do mar e que, como tal, marcou, sem dúvida, a literatura portuguesa de significação açoriana.

Ele andou e navegou pelas ilhas com toda a sua humildade, quieto, colhendo e recolhendo a cultura popular para depois referenciá-la em sua obra acrescida de pormenores extraídos da sua criativa imaginação. Era um operário da palavra, escultor da personalidade do baleeiro do Pico. Fazia questão de terminar seus livros em sua casa, no alto da Rocha do Canto da Baía, onde viveu por longo tempo. Ali naquele recanto sossegado, de difícil acesso, o escritor de dimensão universal comprazia-se na composição de novas narrativas tiradas do cotidiano picoense. Sem nunca fazer concessão a modas literárias, ele narra histórias tanto do homem do mar como da terra. Conhecia muita gente e os costumes da época. Lá, no recanto preferido, tanta era a sua solidão que se considerava um bicho do buraco, pois segundo ele, não havia quem o notasse. No entanto, mantinha-se em contato com os amigos, conforme Fernando Aires registra em seu *Era uma vez o Tempo Diário III* (1993: 158), em resposta a uma carta:

*Meu caro Dias de Melo
Recebi carta tua, do Pico, onde ciclicamente te refugias como as andorinhas.
Estimei saber-te produtivo, a confraternizar, a publicitar mais um livro (Aquém e Além Canal), na Madalena, com “Casa completamente cheia”.
E termina: “abraço fraterno do teu antiquíssimo amigo”.*

Foi professor de ensino primário, técnico e secundário em Ponta Delgada, Cova da Piedade e Laje do Pico. Era admirador do saudoso escritor brasileiro Jorge Amado. Em 1964 Dias de Melo escreveu e publicou *Pedras Negras* cujo conteúdo decorre no princípio do século XX até o fim da Segunda Guerra Mundial. Seu título refere-se não só à pobreza da região castigada pelo vulcão, mas principalmente às pedradas do destino, derrotas da vontade, flagelos que se vão sucedendo – uma vez por causa da ganância dos humanos; outras vezes, porém, por designios tão insondáveis que o leitor é levado a pensar em Fatalidade [...] inscrita no magnífico título da obra, esse anúncio da dureza e negrume que destrói a rija têmpera e a medular combatividade dum Francisco Marroco. (Garcia, 1995: 234)

Em *Pedras Negras*, Dias de Melo nos conta com detalhes os horrores do vulcão quando do mar vomitava fogo, pedras incandescentes e lavas em direção à ilha do Pico. Fala-nos também sobre as pedras negras da ilha que, em brasa, levaram dias para o resfriamento e que hoje são cartões postais da ilha. O mar é uma constante em *Pedras Negras*. Não o mar dos poetas, mas um mar sempre agitado de onde partem os que da ilha se vão, geralmente para a América, mas também para os outros portos da mesma ilha ou da ilha vizinha, “onde baleeiros escrevem páginas de coragem e de morte, é também neste mar que chegam os navios carregados de grão – o socorro possível em anos de fome” e as provisões de subsistência para os ilhéus além do que eles próprios produzem. É um “mar de aprisionamento e de evasão”, “um cerco de hostilidade, muitas vezes agressivo, um mar que esteriliza a terra com suas ondas de rocío, um mar traiçoeiro que engole os humanos que o defrontam” (Garcia, 1995: 235).

A terra, em *Pedras Negras*, reveste-se ora de uma verdejante paisagem, amena e produtiva, ora com poeira e desolação geradas pela ventania que resseca as pastagens. Seus habitantes festejam tanto chamarrita quanto o Espírito Santo e folgam ao receber o retorno de um filho, como é o caso do Francisco Marroco. Mas, na maioria das vezes, é um povo triste que se sente injustiçado frente ao Destino. Dentro da narrativa de Dias de Melo, a crônica ilha aliada às notícias das catástrofes da guerra alimentou a demanda da emigração dos habitantes das ilhas para a América, mais precisamente para a Califórnia e Canadá, como é o caso do seu personagem Francisco Marroco, que ao voltar muito rico, depois de passar por muitas desventuras na Califórnia,⁵ casou, mas que tem um fim muito tristonho.

Depois, de gasto o último cêntimo, Francisco Marroco mendigava os retos dos ricos e, se lhe negavam a esmola e não podia aguentar mais a fome, roubava nos caixotes de lixo o pedaço que disputava aos cães, e à beira da estrada a fruta que pendia das árvores. Perdera a antiga candura, a crença no paraíso americano e na justiça dos homens [...]

Sentia-se aniquilado. Cada dia mais lhe custava mendigar. Os cobertores esmagavam-no. Os pés doíam-lhe, chagados, quase em carne viva. E caminhava. (Melo, 2008:78-79).

Ao prefaciá-lo o livro *Mar Pela Proa* de Dias de Melo (2008), Daniel Sá deixa bem claro que são do autor do Pico alguns dos mais belos livros que se escreveram nos Açores. E diz mais: “Nenhum baleeiro de Dias de Melo será jamais enterrado no chão do esquecimento. Ele garantiu a todos a perenidade da vida na memória das gentes”. Tem razão o escritor Daniel Sá, pois Dias de Melo escreveu com muita simplicidade e muito romantismo toda a história de luta do homem da ilha do Pico de onde era natural. No entanto, a história cruenta de uma comunidade esquecida pela sorte também foi dita com muita coragem e apreço pela ilha que o viu nascer. Dias de Melo foi agraciado com a medalha “Ordem do Infante” e também Lages do Pico concedeu-lhe o Título de Cidadão Honorário do Conselho. Recentemente, o Governo Regional dos Açores presidiu uma sessão pública de homenagem a Dias de Melo, apoiando uma nova edição da trilogia da obra do autor: *Pedras Negras*, *Mar Rublo* e *Mar Pela*

Proa. Foram mais de 50 anos de vida literária, e na solidão dos seus dias nunca abandonou seu cachimbo no qual era viciado. Publicou aproximadamente 34 livros e como outros escritores açorianos divulgou o arquipélago nunca esquecendo a luta do homem do mar. Fez de grande parte de sua escrita um painel dessas mesmas atividades particularmente o que se reporta ao Conselho das Lajes⁵.

A José Gabriel Ávila falou por telefone aos 81 anos:

“Estou em meu escritório escrevendo mais um livro que não se sabe se será publicado, mas isso não importa o que importa é que continuo escrevendo”.

Em detalhes também nos narra o ódio de que vai no coração de seu perverso e invejoso personagem Albafar (que aparece e reaparece em três obras) contra todos, mas em especial contra ti Machadinho. Albafar considerava-se traído porque naquele dia ti Machadinho pescara três ou quatro baleias, enquanto ele, Albafar subiu sua lancha na rampa sem nenhuma caça e do alto da rocha negra ficou ao deus-dará. Já no livro *A Montanha Cobria-se de Negro* (2008), volta ao assunto: desta vez Albafar, queixa ao delegado contra Domingos Saltão e Manoel Alfaiate, querendo incriminá-los porque haviam rebocado a baleeira Natércia, que estava a deriva em mar aberto. É deslumbrante a maneira com Dias de Melo nos narra estas passagens. É um ato de injustiça tão grave que a história que dá título à narrativa chamou-se *A Montanha Cobria-se de Negro*. Dias de Melo conseguiu com seu trabalho literário transmitir detalhadamente aos seus leitores os problemas, as aspirações, as desilusões de um povo sofrido com as emigrações, seus sucessos e seus fracassos. Há um foco comum entre comentaristas e críticos literários ao dizerem que *Pedras Negras* pode e deve ainda ser estudado à luz do mal praticado, onde os bons como Francisco Marroco e outros se confrontaram com os maus: Albano Passarinho, Augusto Bóia e Albafar, tão hipócritas quanto arrogantes, corroídos pela inveja, rancores e hostilidade.

Resumindo, Dias de Melo foi autêntico ao descrever lugares e personagens. O leitor entra na história e caminha junto sobre rochas e cascalhos no mar raivoso ou calmo e por ruas, becos, subidas e descidas. O caráter de ficção do autor revela-se na capacidade que tem de fixar índices etnográficos que sobrevivem até ao desaparecimento das suas referências históricas. O conjunto de suas narrativas de ficção sela um compromisso entre a língua, o tema e as situações quotidianamente enfrentadas pelo povo açoriano. *A boquinha da noite* parece-me ser autobiográfico. Com a perda de Rosa Maria, o narrador, em primeira pessoa, fragilizado e sem rumo, encontrou Eduarda e com ela viveu momentos felizes, amparando-se na aparente fortaleza da moça, que não deixava transparecer também sua dor com a perda do marido e do neto querido. Nessa obra, o personagem, talvez o próprio Dias de Melo, não esconde a solidão e a tristeza de um homem viúvo. Comenta novamente sobre a sua casa ou o “seu buraco”, seus pensamentos tristes, o amor e a capacidade desse amor que pode criar, mas que lhe traz a saudade de Rosa Maria a quem jamais deixará de amar, mesmo, agora, amando Eduarda.

⁵ Dores, Victor Rui. A herança dos confins do Brasil

Considera-se um bicho do buraco e tem cadeira cativa no canto do bar onde fuma seu cachimbo cujos rolos de fumaça por vezes lhe ocultam a visão. É por vezes personagem espetador, outras é personagem atuante. Fala num eu minucioso, muitas vezes explícito nos mínimos detalhes do ambiente onde acontece a história, outras em sentido figurado. Li atentamente *inverno sem primavera* e confesso que uma de suas histórias me comoveu. Os personagens Carlos e Alvarina, cuja luta para concretizar um desejo maior qual seja o de comprar uma casa e um barco baleeiro. Este, o sonho que Carlos alimentou por muitos anos. Parentes mandaram-lhes o dinheiro da América para a compra da casa e, na euforia para apanhar a bolsa, uma rajada de vento espalhou todo o dinheiro por sobre as pedras, arbustos e a água. E aí, o autor enaltece o picoinense, um povo honesto, amante do próximo que cuidadosamente catou todo o dinheiro e entregou-o aos donos que tiveram a oportunidade de comprar a casa e na felicidade de agradecer aos amigos que deram mostra de sua honradez.

Mas, Carlos e Alvarina precisavam ainda concretizar o outro sonho, a compra de um baleeiro e partiram, então, para a América. A cada dinheiro ganho com muita luta, parte era guardado. Durante o dia catavam minhocas para vendê-las aos pescadores no lago Toronto. Vencido o problema, voltam à ilha, compram o barco do feitor mestre Manoel Joaquim e a felicidade parecia estar completa. É uma história bonita, comovente, minuciosa que nos leva a sentir orgulho do povo açoriano. Após tanta luta, o orgulho pela compra do baleeiro que recebeu o nome de Calhetense. O enfrentamento do perigo e o barco firme para o que se propunha, só Carlos com a saúde abalada foi condenado a abandonar o mar para sempre e assim o seu barco. A tristeza tomou seu coração e roubou a saúde de Carlos que foi obrigado a vender seu baleeiro. Carlos viu seu barco navegar mar à fora em direção a seu novo dono. Cena que o deixou mais triste para um ano depois ser tragado pela morte.

Procurei em muitos escritos algo mais sobre Dias de Melo e na Internet encontrei o seguinte comentário da escritora Urda Alice Klueger, natural da cidade de Blumenau em Santa Catarina que após ler *Mar pela Proa* de Dias de Melo escreveu:

Dias de Melo é um romancista que vive nos Açores num lugar com o romântico endereço de Calheta do Nesquim. Escrevi-lhe uma boba carta que teve grande acolhida por ele e se tornou meu amigo. Escreveu-me longas missivas cheias de simplicidade e sabedoria com as quais eu aprendo desde o viver nos Açores até História e Literatura. É um homem simples e humilde exemplo para todos nós⁶.

Na apresentação do livro “O Autógrafo”, Luiz Fagundes Duarte escreveu: “Homenagear um escritor açoriano é competência de organismos açorianos. Homenagear Dias de Melo é uma obrigação, pois sua obra é parte integrante e insubstituível da paisagem cultural dos Açores do nosso tempo”. Agora, eu abro um parêntese para pedir licença para integrar-me a essas homenagens, pois Dias de Melo com sua escrita, (seis livros foram quantos pude ler) deixou-me apaixonada pelos Açores, tanto que senti vontade de aqui vir morar.

Referências Bibliográficas:

- Dias de Melo (2008). *Pedras Negras*, 4ª ed. Ponta Delgada: Ver Açor.
Dias de Melo (2008). *Mar Rubro*. Ponta Delgada: Ver Açor.
Dias de Melo (2008) *A Montanha se Cobria de Negro*
Dias de Melo (2008). *Mar pela Proa*. Ponta Delgada: Ver Açor.
Dias de Melo (1996). *Inverno sem primavera*. Lisboa: Salamandra.
Dias de Melo (2000). *À Boquinha da noite*. Ponta Delgada: Ver Açor.
Garcia, José Martins (1995). *Exercício da Crítica*. Lisboa: Salamandra.

4. ROSÁRIO GIRÃO UNIVERSIDADE DO MINHO), MANUEL J. SILVA UNIVERSIDADE DO MINHO) 11º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2009

HOMENAGEM A DIAS DE MELO: SILÊNCIO, MEMÓRIA E PALAVRA

Quando a memória afetiva (na sua tríplice vertente romântica, imaginativa e sensitiva) rompe o silêncio do discurso, essa não realização eloquente de um ato enunciativo que tanto provém da insuficiência emocional da linguagem como da recusa mais ou menos voluntária do sujeito escrevente no tocante à sua exteriorização, a palavra jorra, então, pletórica, destilando na narrativa ficcional vivências de indubitável cariz autobiográfico. É o caso de *Pedras Negras* e de *Milhas Contadas*, obras em que Dias de Melo, tomando de empréstimo o ponto de vista de Francisco Marroco e de Pedro António - personagens dignas de figurarem *Na Memória das Gentes* -, vai gradualmente revisitando as diversas etapas, qual trajetória de evocações, de um passado mítico.

Será, todavia, na crónica da viagem e na diarística que a palavra não-fragmentária, ao serviço do autorretrato e sob a égide da revivescência, se torna acutilante: ao percorrer “*Das velas de lona às asas de alumínio*” e “*Poeira do Caminho*” (José Dias de Melo), bem como *Relação de Bordo* e *A Tabuada do Tempo*. *A lenta narrativa dos dias* (Cristóvão de Aguiar), indiferentes não ficamos à textualização de tantos lugares de memória e memórias dos tempos, cristalizados numa ilha cronótopo - e “*Sair da ilha*”, como escreveu Daniel de Sá em *Ilha Grande Fechada*, “é a pior maneira de ficar nela” -, configurando tanto o processo de escrita como uma escrita da açorianidade, traduzida pela sempiterna dicotomia atração e repulsa, afastamento e saudade, cansaço do isolamento e anelo do retorno.

*“Dias antes de partir, telefonaram-me da TAP em Ponta Delgada: É o Senhor João Dias de Melo?
Dias de Melo – sou: José Dias de Melo. João é que nunca fui.”
(1990: 25).*

Sem enveredarmos pela exegese (frutífera, sem dúvida) dos artigos de intervenção cultural publicados na página literária do jornal *A Ilha* (manifestação

⁶ Disponível em WWW.cronópios.com.br

açoriana do neorealismo português) e assinados por Borges Garcia, sem atentarmos na especificidade da literatura de feição açoriana⁷, evitando adjetivos de cariz valorativo como “regionalista” ou “localista” e “universalizante”, sem nos determos com minúcia nas linhas de força definitórias da identidade (e subsequente alteridade) do ilhéu (de entre as quais avultam o hábito da emigração e a religiosidade popular), sem abraçarmos os momentos ‘fortes’ da produção literária do Arquipélago, incorrendo no risco de uma tipificação simplista e de uma confrangedora hierarquização (de que não raro padecem as antologias), e sem aprofundarmos a análise de uma só obra, antes optando pela abordagem comparatista da obra plural de dois escritores lusitanos de renome, quedemo-nos no romance *Pedras Negras* de Dias de Melo⁸, cuja obra revela, segundo Álamo Oliveira, a “*heroicidade da vida de algumas dezenas de pessoas a quem a miséria obrigou a enfrentar situações de perigo, a par de outras impostas, de forma injusta, por quem mais lucrava com o resultado da caça à baleia.*”⁹

O protagonista Francisco Marroco e seu amigo João Peixe-Rei, casado com a Idalina (que está à espera de um bebé), decidem abandonar a “*Ilha que escorraça a gente*” - onde “*cada freguesia é uma jaula dentro da jaula maior que é a Ilha.*” (2003: 128) -, cenário de secas brutais e de violentas tempestades, e embarcar de salto no “Queen of the Seas”, navio da praça de New Bedford, onde se tornam baleeiros: “*She blows!* - gritaram os gajeiros. - *A barlavento! Um cardume!*” (2003: 48). Um pesadelo recorrentemente premonitório de João Peixe-Rei firma a sua morte iminente e a errância de Marroco por terras da América, quer no rancho do desumano Albano Passarinho, quer na miséria revoltosa partilhada com “os trampas”, quer no oásis que se revela, por fim, o lar de Miguel Parreira.

Cerca de dezasseis anos volvidos sobre o seu êxodo e na posse de dezasseis mil dólares, o “senhor americano” regressa às picarotas “pedras negras”, casa com a sempiterna bem-amada Maria da Roque, auxilia monetariamente a viúva de Peixe-Rei e seu filho Joaquim, alcunhado o “sábio”, e vê-se financeiramente solicitado (ou, melhor dito, assediado...) pela gerência da Companhia Baleeira, pelos mordomos da Irmandade do Espírito Santo e pelo recém-criado Banco da Nossa Senhora da Vida. Tem, porém, a História, individual e coletiva, desígnios que ironicamente contraditam o Destino à partida afortunado: no *explicit*, Maria da Roque acaba por falecer, o Banco da Nossa Senhora da Vida (mau grado os encómios do Professor) vai à falência e o

primogénito de Marroco é encarcerado pela via da indignidade gananciosa de Joaquim, filho de João Peixe-Rei, que Marroco se aprestara paternalmente a socorrer.

“Francisco Marroco [...] Sentia-se repentinamente velho, muito velho, muito velho. Regressou a casa para sempre sucumbido. Era noite. E naquela noite, como em tantas outras, não havia estrelas no céu.” (2003: 171)¹⁰.

Nesta narrativa, cuja temporalidade explícita medeia entre o fim da Monarquia e a Segunda Guerra Mundial¹¹, a memória detém, temática e estilisticamente, inegável papel de relevo. Assim é que Francisco Marroco, criança ainda, se lembra de ouvir o Avô lembrar-se do Ano da Fome, ocorrido nos seus tempos de rapaz, chegando ao ponto de ser assolado pela grata impressão da imagem de sua Mãe, contemplando-o ternamente, e pela de seu Pai, “*cigarro no canto da boca e a viola apertada contra o peito...*” (2003: 25). Do mesmo modo, não se coíbe João-Peixe Rei, homem feito, de contar ao jovem Marroco o que o Padre Velho, *in illo tempore*, contava sobre o funesto Ano do Fogo: “- *Em quase todos os cabeços da Ilha se abria a bocarra duma caldeira: cada cabeço fora um vulcão e cada caldeira uma cratera.*” (2003: 29).

Se tal memória é voluntariamente convocada, enraizada que está na *Memória das Gentes*, o mesmo não sucede com determinados quadros do passado que, doravante revisitados, constituem trampolim para uma justaposição de imagens sobrelevando os tempos de antanho em detrimento dos tempos hodiernos, já que a imaginação e a memória comungam da presentificação do ausente, diferindo, contudo, no tocante à fenomenologia da lembrança: enquanto a primeira suspende a realidade e advoga o irreal, preconiza a segunda o retorno a um real transato (Ricoeur, 2000: 53-54).

Assim sendo, a bordo do “Queen of the Seas”, e após remar como um “nice baleeiro”, do ponto de vista do piloto, Marroco “*não via botes, nem homens, nem mar - mas só a Ilha, em seu coração, e a Mãe, e o Pai, e Maria.*” (2003: 51). Curioso se torna assinalar o recurso frequente a este verbo de percepção grafado em itálico: ao som dos gemidos dolentes da viola do cabo-verdiano Tony, Marroco “*via - no luar que lhe chegava ao coração - o pai, com a sua viola, Maria, naquela noite de vindima inundada também de luar formoso...*” (2003: 62).

⁷ Ver, a este respeito, Barros (1981: 85): “*O problema da açorianidade literária só pode ser compreendido no âmbito mais geral dos problemas que se colocam mundialmente relacionados com as regiões. Descentralização, defesa dos valores culturais das comunidades com carácter próprio, aspirações a autogoverno, são fatores que caracterizam a irrupção dum dado político novo na Europa dos anos 70.*” [publicado inicialmente em *Açores. Contexto* de 26 de junho de 1980].

⁸ Segundo J. H. Barros, “*Dias de Melo, logo depois de Vitorino Nemésio, tem sido para nós, Ilhéus, a razão mais segura para falarmos descomplexadamente duma literatura açoriana integrada na literatura portuguesa, mas mantendo elevado grau de autonomia [...]*” (1981: 144).

⁹ Cf. Oliveira, Álamo (2008) “*Em memória de Dias de Melo*” in *Maré Cheia, Página de Artes e Letras do Portuguese Tribune*, 26-27. Ver, também, na mesma página literária, “*Um escritor livre*” de Daniel de Sá: “[Dias de Melo] estava presente [...] com a sua palavra iluminada e iluminadora, com o seu talento de escritor reconhecido como grande, enorme, sem precisar de peregrinar pelas ‘capelinhas’ onde se decide o mérito na

capital da Pátria e da cultura portuguesa.” Esta referência bibliográfica foi-nos gentilmente cedida pelo Dr. Chrys Chrystello.

¹⁰ As estrelas no céu parecem ser uma constante do *explicit* dos romances de Dias de Melo. Ver, a este respeito, o final de *Das velas de lona às asas de alumínio*: “*E eu... aqui... nesta migalha da Ilha perdida no meio do Atlântico Norte... Sentado a esta mó velhinha... neste recanto deste pátio votado ao abandono em frente à porta da loja, que já foi adega, nos baixos da minha Cabana do pai Tomaz...Só... aqui... eu... Com as estrelas na cúpula da catedral da noite... E com este livro nas mãos...*” (1990: 289).

¹¹ “[...] o Manuel Ratinho estava dando milho que era para o povo votar com ele e deitar abaixo o rei e pôr a república a governar [...]” (2003: 75); “*Terminada a Primeira Grande Guerra, tanto se agravava que se tornava quase insustentável a situação da companhia baleeira local.*” (2003: 149); “*O óleo, com a guerra que deflagrara - a Segunda Guerra Mundial - , atingia preços nunca supostos antes.*” (2003: 165).

Por seu turno, ao receber uma missiva de sua Mãe Isabel - esse excelente pastiche epistolar elaborado por Dias de Melo e primado pela típica ausência de pontuação -, os seus olhos “cegos para o mundo autêntico que o rodeava, só viam, por detrás da névoa das lágrimas, o mundo que estava dentro da sua alma.” (2003: 77). O *acmé* desta visão interior, expressão presentificada da lembrança carreando a óbvia alienação do universo circundante e a subsequente cristalização de um cosmorama que o silêncio quebrou, não tarda a ser operacionalizado pelo verbo estativo *estar*, assinalado igualmente com itálico: com efeito, no rancho de Albano Passarinho, “Francisco Marroco estava lá, na Ilha, em casa dos pais, sentado na esteira, na cozinha, numa noite de inverno.” (2003: 78). Trata-se, com efeito, da imagem espacial e espacializada do passado, apogeu da fenomenologia da memória.

Ora, se a memória afetiva redundava numa impressão espoletada pelo choque da recordação, se a memória imaginativa reconstrói, a partir da imagem veiculada pela lembrança, o sentimento que se julgou ter vivenciado em dada altura, se a memória sensitiva invade o ser da sensação de outrora e se a memória romântica o impele a percorrer de novo caminhos já trilhados¹², Dias de Melo é, sem margem para dúvida, o poeta das *memórias da Memória*, sobretudo em *Milhas Contadas*¹³, romance-trajectória de evocações incessantes variavelmente focalizadas por Pedro António, por Eugénia e por Maria da Cruz. Recolhido ao leito no silêncio do seu quarto da Residencial da Duque de Loulé - “Vai adiantada a tarde morrinhenta.” (2002: 15) - e tão-somente interrompido, nas suas digressões memorialísticas, pela solicitude filial da empregada Ilda, Pedro António enceta, titubeante, a redação de uma carta, de contínuo recomendada e retomada¹⁴, à família de Maria da Cruz, cuja notícia do passamento lhe foi comunicada por telefone. Uma pergunta de resposta dúbia se lhe aflora ao espírito: “porque me aparteí da Ilha, da Freguesia?” (2002: 33). A partir do III Capítulo, desfilam, por ordem cronológica que tende a baralhar-se no prosseguimento da narrativa, os seus difíceis princípios de vida na Capital, o seu primeiro encontro e ulterior matrimónio com Eugénia, as viagens efetuadas pelo casal, todos os anos, por alturas do verão, a bordo do *Lima* “cinquentão” e do ainda relativamente novo *Carvalho de Araújo*, a doença e o falecimento da Esposa e o calvário atual da sua solidão.

Original se afigura, a todos os níveis, o processo evocativo em cadeia - centrado nessa velhinha, Maria da Cruz, que ele deixara enferma na Ilha -, explanado ao longo da escrita da epístola, num discurso pontuado pela significativa alternância dos tempos passado e presente (2002: 121). Pedro António, num fim de tarde invernosso prolongando-se pela noite de vendaval e pela madrugada de promissora tempestade, tanto recorda a vida de Maria da Cruz, por ela contada num outro tempo, como o seu exame de quarta classe e de admissão aos liceus (num passado remoto), a emigração de seu Pai para a Califórnia, a doença de sua Mãe, a amizade de Eugénia por Julieta (única a conhecer o segredo da sua esposa, ou seja, a sua doença) e, num passado próximo, o seu casebre, qual “cabana” ou “palácio” (2002: 79), na

¹² “Francisco Marroco [...] Reencontrava a antiga paisagem, a antiga gente - e reencontrava nelas a sua alma de menino e jovem.”

¹³ Este ditado popular de Santo Amaro, Pico, aparece em *Pedras Negras*, numa carta endereçada pelo Pai ao protagonista: “[...] somos dois barcos velhos e arraboados que chegaram ao fim da viagem no mar revoltado deste mundo que isto quando as milhas estão contadas já a terra está à vista [...]” (2003: 86-87).

Freguesia sita nessa “terra perdida no meio do mar” (2002: 36): “Tem [Pedro António] a impressão de que ali, no seu quartinho, vê, sobretudo de que ouve Maria da Cruz, tal e qual a ouvia em criança, em moço, mais tarde, homem feito e casado, [...]” (2002: 121). Tal revivescência dos tempos do Tempo (que a memória dos sentidos, primordialmente visual e auditiva, concretiza) é escandida, por entre a névoa de fumo do cigarro que o homem que recorda acende - muito embora lúcido quanto à interdição do gesto -, pelos silêncios discursivos, pelas seqüências fracionadas de palavras, pelas reticências frequentes ou, por outras palavras, pelo silêncio do “telling” na sua relação com a diegese. Assim é que a palavra perdida se transmuda em palavra do implícito e em silêncio voluntário, pela via do qual vai apelando o protagonista-narrador (mediante a focalização interna) para a faculdade de dedução do narratário, o qual intenta preencher os pontos de indeterminação ou os vazios textuais conducentes à plenitude do verbo.

É o caso, no capítulo VII, da aquisição, por parte de Pedro António e de Eugénia, de uma propriedade, na Freguesia, “para se acolherem durante as férias, as vindimas, depois de reformados por mais algum tempo... até... [...] e a morte a aproximar-se, a aproximar-se... tanto... tanto...” (2002: 78). É o caso, ainda, das suspeitas, paradoxalmente iniciais e tardias, nutridas por Pedro António a respeito da doença de Eugénia que, certo dia, se levanta, “entra em casa... apressada... A princípio... Todavia, um não sei quê no interior de Pedro António, que pondera, ‘parecia fugir... mas de quê?’, [...]” (2002: 96). É o caso, também, da urgência em ganhar o pão nosso de cada dia, pois “sempre assim foi, murmura Pedro António lembrando-se de...” (2002: 139). É o caso, por fim, da ida ao consultório do Dr. Damásio, “O Dr. Damásio... no consultório... na vila...” (2002: 159). Às vezes, é a própria mancha tipográfica, mercê de um maior espaçamento, a constituir prova flagrante da palavra obnubilada ou dirimida por tempos justapostos.

“E a lembrança da morte da Mãe, há tantos anos, dos Avós, do Pai... doutros, muitos outros. E a morte de Eugénia.

O bruá da rua, da zoada indefinida vinda do perto e dos longes da cidade...” (2002: 84).

Em contrapartida, embora contando um número menor de ocorrências, torna-se o implícito textual explicitamente verbalizado, a ponto de explicar, pela decifração da metáfora conducente a um protocolo adequado da leitura, o título da obra.

“Assim se foram passando anos e anos, os velhos tornando-se mais velhos, contando as suas milhas até que a morte os levasse, os novos, os homens e as mulheres de meia-idade começando a ser velhos, acabando mesmo por, bem contadas as suas milhas, entrarem, por sua vez, na velhice...” (2002: 79-80).

¹⁴ “Para, hesita, pondera o tratamento a dar às pessoas a quem se vai dirigir... queridos amigos... companheiros, queridos companheiros...” (2002: 16).

Uma outra característica da arte originalíssima e do estilo inconfundível de Dias de Melo reside no uso e no abuso expressivamente inéditos dos parênteses, cujas funções se revelam variegadas, indiciando:

A intrusão do narrador na interioridade da personagem, com o fito de lançar a dúvida quer sobre os seus sentimentos quer sobre as suas ideias, aparentemente explanados e exaradas de modo perentório: “Porém, continuando calada [Eugénia], convencida (ou não estaria convencida?) de que aquilo não era mais que um faniquito sem a mínima importância (acreditaria?), [...]” (2002: 91).

O tentame de encontrar uma eventual explicação para um facto deficiente e superficialmente apresentado: “[...] a velha muito velha, mais velha que uma múmia [...] rosto de formiga encarquilhado e mais que encarquilhado, corpo esquelético, mãos deformadas (reumatismo?), [...]” (2002: 108).

O desejo de fornecer uma informação, suplementar, mas não supérflua: “[...] é lida, a empregada, sempre atenta em o cuidar, mormente em lhe servir pontualmente as refeições fornecidas (menos o pequeno-almoço à conta da residencial), [...]” (2002: 29).

A disponibilidade para desfazer uma dúvida suscetível de entrementes surgir: “[...] lá estava [Pedro António] a vê-los chegar, ao Lima roncheiro, ao Carvalho de Araújo dançarino (o navio, não o herói com cujo nome o batizaram), [...]” (2002: 37-38).

A solicitude em abdicar da focalização interna e em deslocar a palavra para o campo de visão do protagonista: “Sentado à escritaninha, a noite a correr, [...] (não há maneira de conseguir livrar-me desta porcaria [cigarro]), Pedro António rememora.” (2002: 87).

O deleite na construção de um fragmento textual de dominante descritiva, mediante recurso à enumeração ou ao inventário:

“Manhã adiantada, no salão refeitório (mesas postas, toalhas alvas, boas loiças, talheres de bom metal luzidio - loiças e talheres marcados com o emblema da companhia proprietária do navio -, mesas envernizadas, paredes pintadas de cores agradáveis), [...]” (2002: 61).

Ora, se o narrador, pela via da memória voluntária e afetiva, vai coadjuvando o narratário na colmatação dos silêncios do romance em apreço, o autor-narrador-protagonista, na obra confessional, não se furta, avançando na idade, a fazer jorrar uma palavra pletórica, mercê das oscilações contínuas entre plenitude e vazio, assim

¹⁵ “E eles, daqueles nove penhascos que são as nossas nove Ilhas, vinham. Embarcavam de salto, nos recantos mais escusos da costa, pelo escuro da noite, fugidos à Lei e aos homens da Lei, [...] Eles, de vaga em vaga, de furacão em furacão, de calma em calma, atrás dos rabos das baleias pelos oceanos todos do Mundo todo. [...] Eles - meses e meses, anos e anos.” (1990: 8-9).

como da percepção idílica do passado revolvido a partir do doloroso presente: “*Le passé est-il l’avenir des gens âgés, ou plutôt leur refuge?*” (1999: 304).

Percorrendo as laudas de *Das velas de Iona às asas de alumínio*, crónica da viagem de Dias de Melo à Califórnia para a sessão de lançamento de *Dark Stones*, deparamos com uma lúcida reflexão sobre o fenómeno emigratório, sobre a difícil adaptação do emigrante, sobre o desembarque dos antigos baleeiros - designados por *Eles* (em itálico e com maiúscula)¹⁵ - à Calafona, em navios cujos porões abarrotavam de azeite, sobre as “dolas” enviadas à família pelos “senhores americanos” ou, mais recentemente, pelos “senhores canadianos”, sobre o *modus vivendi* dos Portugueses, em verdadeiros guetos, na Califórnia (onde pulula a grande maioria das gentes do Pico) e, sobretudo, com a obsessão quase patológica pela sombra do Pai que, ao espoletar a memória silenciada, vai ritmando as distintas estórias da História e unindo coerentemente os seus fios dispersos: é o casamento do Ti Luís Fernandes com a menina Piedade, é a velha casa do Ti António Garajau, é o professor azedo que teve, lá na Freguesia, o Clarêncio, é a ausência saudosa da esposa que o autor perdeu e, para mais não citar, é a descrição, esboçada por patamares, da sua “Cabana do Pai Tomás”.

Narrativa de viagem em dois tempos distintos - assinalados pelos título sinedóquico (“velas” - navios / “asas” - aviões) e sustentados pela recorrência da forma verbal “Lembro” e do presente iterativo “Relembro”¹⁶ -, assiste-se à emergência do passado longínquo no silêncio da memória, entre o *lá* e o *cá*, entre a Ilha, “aldeia do Continente”, e a América “de contos de fadas” (1990: 88), de modo tal que os Açores se sobrepõem ao sonho americano, erguendo-se, altaneiro, o Pico sobre os espaços urbanos da Nova Inglaterra e delindo-se as fronteiras entre o Aquém e o Além.

O mesmo processo evocativo perpassa em *Poeira do Caminho*, jornal íntimo assumindo uma originalíssima forma epistolar - “*Nos escritos que se seguirão, quase todos, se não todos, sob a forma de cartas, que em grande parte te serão dirigidas, suprimi, pelo menos algumas vezes, as formas com que habitualmente às cartas começamos e acabamos.*” (2004: 16) -, onde Dias de Melo desnuda a sua alma mediante uma linguagem plural de incontestável riqueza.

É o próprio autor, aliás, a confessar a sua abdicção de uma ordem cronológica linear (contraditando, desta feita, a autobiografia tradicional), bem como o seu anelo em coligir as lembranças que vêm, esporádicas, à memória e em relembrar as figuras que, efémeras, nela se levantam. Tais anacronias, analépticas e prolépticas, são traduzidas à saciedade pela sobreposição de expressões temporais remetendo para as reminiscências do passado ou para as vivências do presente e enrodilhando o tempo que já foi no tempo que ainda é.

¹⁶ Muitos exemplos podem ser respigados neste romance de Dias de Melo: “[...] lembro-me... com saudades... Há quantos anos!” (1990: 46); “Relembro... A infância e a adolescência na nossa Terra, [...]” (1990: 112); “Lembro...” (1990: 154); “Lembro a Tia Prudência.” (1990: 233); “E lembro...” (1990: 235); “Lembro-me... na Ilha...” (1990: 267).

Afinal, no “antigamente”, A Festa de Lourdes era a Festa das regatas de “botes baleeiros, autênticos baleeiros”, enquanto, hoje em dia, a Festa de Lourdes integra “as regatas dos baleeiros a fingir” (2004: 188); também, em tempos idos, tinha o diarista o hábito de contemplar a “frondosa faia do lado de fora da janela” (2004: 113), agora reduzida, embora sempre de pé - e de pé muito provavelmente quando ele já não pertencer a este mundo -, a um mero esqueleto (2004: 114); do mesmo modo, nas eras passadas, não faltavam visitas a comprar vinho - “custava menos que na taberna” -, produto dessa velha vinha que cedeu, presentemente, espaço a um matagal (2004: 114, 117); noutros tempos, era sólito ir-se a pé à festa da Senhora da Piedade, atravessando uma canada antiga que, no decurso dos anos, se foi transformando em caminho corrente, por onde circulam automóveis e carros de praça - porquanto “ainda aqui não chegou a designação de táxi” (2004: 220) -, que transportam lestantemente as pessoas para o arraial; antanho, as adegas legadas pelos antepassados eram “singelas e bonitas” (2004: 246), contrastando e destoando das “construções completamente novas” onde se guarda, hodiernamente, o vinho envasilhado. Afinal, quando setembro chega, inaugura-se a época “de grandes trabalheiras que são sempre uma festa de grande alegria. São... Eram.” (2004: 195).

Nos meandros deste passado irreversível, Dias de Melo ou o que homem que sabe recordar revê os seus amigos de escola, o Artur, o Cardoso e o Rui (2004: 75), a aventura (que poderia ter sido fatal, mas que o não foi) no mar com o Artur (2004: 142), a Tia Cecília - “admiradora incondicional de Salazar” - que o preparava para o exame de admissão aos liceus (2004: 131), os serões por tempo de inverno à luz das candeias (2004: 103), o seu namoro com a Maria Simas (2004: 173), o passeio à serra com Edna no ano do seu casamento (2004: 156), a valentia heroica de José Garcia (2004: 127), a honestidade e orgulho do Ti Luís (2004: 204), o adoecimento e o passamento de Edna (2004: 178), a doença de Maria Simas e da prima Maria Silveira (2004: 178) e - “Isto lembrando” (2004: 231) - a amizade da Alvarina que “me cuida da casa, das minhas coisas tal qual fossem suas e de mim próprio como de um pai” (2004: 179).

Mestre na arte da revivescência (cruzando-se não raro com o realismo cru inerente à temática baleeira), Dias de Melo não deixa de se revelar um exímio linguista: na verdade, tanto se queda nas diferenças de tratamento por *Ti* e por *Tio* e no uso, tendente a sumir-se, do lexema “Mestre”, como se debruça sobre a provável origem anglo-saxónica do termo “raite”, sobre a semelhança, a nível do formato, entre

a portuguesa “espeida” e a “spade” americana e sobre a identidade do referente que os diferentes significantes - “jaquinzinhos” e “chicharros” - traduzem.

Por sua vez, as considerações que tece quer sobre o processo da escrita quer sobre a escrita da açorianidade - e que passaremos a cotejar com aquelas de Cristóvão de Aguiar em *Relação de Bordo* e na *Tabuada do Tempo*¹⁷ - afiguram-se de importância capital, em termos de escrita autobiográfica¹⁸. Tal cotejo, conquanto incipiente, tanto revela a amizade e a admiração recíprocas como as afinidades estético-espirituais entre os dois nomes sonantes da literatura de feição açoriana: na verdade, se Cristóvão de Aguiar era visita frequente e benquista da “Cabana do Pai Tomás” (2004: 43), não se inibiu Dias de Melo - autor dessa comovedora homenagem ao povo açoriano intitulada *Vinde e Vede* - de confessar a sua profunda admiração por *Raiz Comovida*, consoante testemunho do autor de *Relação de Bordo*: “O escritor Dias de Melo, homem açoriano da Ilha do Pico, que trouxe para o conto, o romance, a crónica, a luta desatinada dos homens das Ilhas [...] confessou-me, na sua gigantesca humildade, numa carta sobre **Raiz Comovida**: ‘Continuo sem encontrar palavras que lhe digam quanto Raiz Comovida me emocionou. [...], Mas, Cristóvão de Aguiar, você foi mais longe do que eu. Você quebrou todas as amarras que ainda me prendiam. Regozijo-me - sinceramente, muito sinceramente, me regozijo por isso!’” (1999: 226).

José Dias de Melo	Cristóvão de Aguiar
<p>“Neste livrinho [Poeira do Caminho], que será simultaneamente um diário do que me recordar da vida que já vivi e da vida que irei vivendo [...]” (2004: 8) / “Tudo irei passando ao papel, sem uma ordem previamente estabelecida, antes como me for, ao acaso, vindo à lembrança.” (2004: 9).</p>	<p>O livro <i>Relação de Bordo</i> é subtintulado “diário ou nem tanto ou talvez mais”: “De tarde, prometi solenemente a mim mesmo continuar a escrever este desprezioso diário [...]” (1999: 194) / “Tenho de facto facilidade em me transportar a outras épocas da minha vida e revivê-las quase com a mesma intensidade com que as vivi.” (2007: 74-75) / “A memória atija-se-me num som, num cheiro, num toque, numa cor.” (2007: 80).</p>
<p>“[...] não se escreve por distração, muito menos por brincadeira.” (2004: 11).</p>	<p>“Considerarei sempre a escrita a única maneira válida de me apresentar documentado na vida.” (1999: 304) / “Mas o simples facto de te sentares à banca do</p>

¹⁷ Atentar nas palavras de Eloísa Alvarez (porta-voz do Júri do “Prémio Literário de Miguel Torga”) que integram o “Prólogo” de *A Tabuada do Tempo*: “A aparente insignificância de cada instante do dia ou da noite é transcendida por Cristóvão de Aguiar com a paixão de quem vive esses momentos como se fossem os últimos, os decisivos da sua vida: ungiendo-os - como se de um feito religioso de tratasse - com o amor, numa sacralização invasora que inclui quer o erotismo referido a Ela, quer o humanismo com que contempla o Outro, um Outro que, além de incluir o Homem, contempla também os bichos [...] e a própria Natureza.” (2007: 11).

¹⁸ Na perspetiva de Dias de Melo, toda a obra ficcional detém uma inegável matriz (auto) biográfica: “[...] (e, como o pintor os seus retratos, o escultor as suas estátuas e os seus bustos, não é de pessoas autênticas que qualquer romancista, novelista, contista, dramaturgo, cria as suas personagens?)” (2004: 105).

¹⁸ⁱ “De resto, o Daniel, sempre, numa modéstia impressionante, porque isolado na sua terra natal, a Maia do seu grande amor, a apagar-se perante os demais é, quanto a mim, um dos mais notáveis escritores do século passado nascido nestes rochedos.” (2004: 224).

¹⁸ⁱⁱ Edição muito boa. Pela Tradução [Dark Stones], rigorosamente fiel [...] ao original português, do Dr. Gregory McNab [...] pela capa, muito bela, [...] pela apresentação gráfica, com a composição, perfeita, e a revisão, garantem-me os mais exigentes, sem uma gralha - e assim perco a minha realeza de rei das gralhas, para a qual me proclamaram os dois traficantes da Literatura que me publicaram, em Portugal, os meus dois últimos livros [...]” (1990: 41).

^{xiv}Cf. Dores, Victor Rui (2008) “Viva Dias de Melo” in *Maré Cheia*, Página de Artes e Letras do Portuguese Tribune, 26-27.

	trabalho e reiniciars a lavoura das palavras é-te tão custoso, [...]” (1999: 332).
“[...] a criação artística - escrever é criação artística - é um ato de solidão. Criação artística que começa quando o pensamento, o sentimento, mentalmente elaboram o que o escritor vai criar.” (2004: 13).	“Quando estou em período de criação [...] extravaso todas as medidas e depois fico desasado.” (2007: 78) / “[...] só precisava de quatro semanas isolado, para pôr a escrita em dia.” (2007: 77).
“[...] quem escreve não pode deixar de ler, e muito, não para imitar, ainda menos para copiar seja quem for, mas para, com os outros, aprender.” (2004: 106).	“Nunca nenhum destes escritores [Aquilino, Vergílio Ferreira, Eça de Queirós, José Régio, Miguel Torga] me desiluiu, nem nunca deixei de aprender com as suas obras [...]” (2007: 283).
“ - Eu escrevia diretamente na máquina de escrever, agora é no computador, mas sempre com a esferográfica à mão, para as correções. E, com frequência, começo por ditar o que vou escrever para o gravador.” (2004: 40) / “[...] Isto de, com a minha idade, me meter com estas maquinetas prodigiosas... [...] com este bichinho, [...]” (2004: 19).	“À conta da leveza fui sentar-me imediatamente ao computador, a minha lareira portátil a que me aqueço e às vezes me desaqueço [...]” (2007: 297-298).
“[...] e em casa, pacientemente corrigindo, polindo, passarei ao computador.” (2004: 255).	“Tenho andado embebido no meu trabalho de coligar, podar e limar [...] mas estou sempre a alterar, a cortar de um lado para aumentar do outro, o costume.” (2007: 74, 76).
“Os textos nestas solitárias caminhadas gizados são de guardar para, em chegando a casa, os começar a passar ao papel, agora ao computador. [...] O falar, refletir a sós, vale muito, [...]” (2004: 14-15).	“Os meus passeios, a pé, são sobretudo isso: uma viagem por mim dentro a par da outra, que os pés vão empreendendo...” (2007: 106) / “[...] apetecia-me fazê-lo [passar] lá fora, para poder pensar direito e escrever algumas linhas de prosa poética [...]” (2007: 185).
“Penosa, sempre, a adaptação do imigrante. Nesta área dos Estados Unidos, enxameada de micalenses, as gentes do Pico, das outras ilhas, do Continente, não passam de uma gota de água.” (1990: 36).	“Quer nos Açores quer em terras da América, continua o Povo Açoriano a ser vítima do destino. Já não bastava a emigração, que é sempre dolorosa e deixa marcas fundas.” (1999: 175).
“O emigrante/imigrante parece que fica, para todo o sempre, com a alma repartida: aqui, vivendo lá, se daqui nunca mais se parte - lá, vivendo aqui, se daqui se parte e por lá para o resto da vida se fica...” (1990: 267).	“[...] doença do emigrante. Nunca está bem em parte nenhuma. Ou melhor dizendo: cá, lembra-se da América [...] lá, lembra-se do lado de cá, [...]” (1999: 206).
“Na pobreza da Ilha [...] ajuda preciosa as dolas, [...] e a encomenda, [...] perante os olhos da família deslumbrada com tantas abundâncias, louvado seja Deus, e	“Nesse tempo de inocência ainda intacta, as coisas vindas do Novo Mundo eram únicas e tinham um cheiro especialíssimo, as narinas captavam-nas a grande distância...” (2007: 205).

consolada com aquele cheirinho à América.” (1990: 88).	
“[...] passei, desde menino, a vida inteira a sonhar com este momento: o de estar, com os meus pés, o meu corpo, o meu coração, neste cais, [...]” (1990: 56) / “Desde que me conheço, de muito criança, oiço, constantemente, falar da Califórnia.” (1990: 87) / “Mas os que ficavam para sempre na terra natal criaram e acreditam piamente na maravilha da sua Califórnia, [...]” (1990: 90) / “[...] paraíso fabuloso da fabulosa América.” (2003: 11).	“Tanto sonhei com a terra da América nos meus tempos de rapaz, na Ilha, onde de resto era este o sonho mais comum de quem começava a botar vulto, [...]” (RB: 231) / “- Ó mestre, já sabia que estavas cá na América [...] bem-vindo sejas a esta terra da promessa do Novo Mundo, a maior e mais rica nação do planeta - [...]” (1999: 240).
“[...] Ilha perdida no meio do Atlântico [...]” (1990: 90) / “Este apego a estas quatro paredes... a esta terra... a este mar...” (2004: 211) / “[...] aqui, no Pico, na minha Ilha, na minha Terra, [...]” (2004: 213) / “Tanto que, mais do que eu, os verdadeiros autores deste livro [...] são eles, esses homens e mulheres do Povo da minha Ilha.” (1985: 10).	“Quanto aos locais por onde passei e vivi, refiro-me à Ilha, com maiúscula, para mim uma entidade mítica; [...]” (2007: 283) / “Por seu turno, ela [memória afetiva] materializa-se na Ilha - mulher, ou na Mulher - ilha, às vezes mais Ilha, outras mais Mulher...” (2007: 286).

A partir deste cotejo incipiente, sem pretensões a uma exaustividade forçosamente não exaustiva, podemos, desde já, avançar algumas conclusões de índole mais ou menos genérica.

O isolamento como condição *sine qua non* da escrita subjetiva ou escrita do eu, detentora de uma função profilática e terapêutica, que se assume como diário ou jornal íntimo(s), não raro repassado(s) de episódios autobiográficos, e que se configura em termos de autorretrato. Sendo o jornal íntimo datado, respondendo a autobiografia à questão “Que fiz eu?” e o autorretrato à interrogação “Quem sou eu?”, torna-se lícito distinguir o autorretrato da autobiografia pela ausência de uma narrativa temporalmente linear, pela subordinação da narração a um ‘mosaico’ de elementos temáticos, pela construção de uma coerência alicerçada num sistema de rememorações, de retomas e de sobreposição de factos análogos. Não será o estabelecimento de tais analogias viabilizado pela memória (que não antecede a escrita, mas que dela provém...) e pelo silêncio (anterior à escrita, mas exteriorizado pela palavra)? Assim é que tanto Dias de Melo como Cristóvão de Aguiar imprimem, na sua obra intimista, uma certa descontinuidade à continuidade, um certo teor fragmentário ao absoluto da criação, firmando-se como autorretratistas que, ao invés dos autobiógrafos e memorialistas tão-somente interessados em legarem à posteridade, perpetuando-os, os casos de vida narrados, insistem, humildemente, em serem lembrados como artesãos da escrita.

A este respeito, Cristóvão de Aguiar não deixa de se questionar no que respeita à sua vocação de escritor, enquanto Dias de Melo hesita no que concerne ao ‘género’ de *Poeira do Caminho*: “Serão [...] Crónicas com o formato de cartas? Crónicas, com

o formato de cartas (não todas mas a maioria para ti) que sejam um diário de memórias?” (2004: 19).

A escrita artesanalmente computadorizada, alquimicamente depurada, aprendida num atelier secreto de leitura e caracterizada pela inicial expansão eufórica, conducente, pela via de incessantes supressões (com as quais não deixariam de rejubilar os críticos de genética textual...), à condensação da ideia/substância na forma consubstancializada que tão bem se lhe adequa... Transmutam-se, nesta sequência, os passeios solitários em metáforas da escrita da solidão, da viagem interior aos “maelströms” e da poética da revivescência que, detentora de uma intensidade similar à da vivência original, percorre, num meteórico lapso de tempo, os dias lentos e os longos anos que o Tempo cristalizou.

A escrita da açorianidade, definida pela sempiterna oscilação entre dois cronótopos míticos (passíveis de alargamento a demais lugares da memória...), a Ilha e a América, pendularmente revisitados no passado e no presente. Por um lado, e para Dias de Melo, a Ilha é uma “cadeia” (2003: 128), espaço sacrificial de sobrevivência dos antigos baleeiros deserdados pela fortuna, terra de luta sofrida de todos os insulares que, mau grado as circunstâncias adversas, ainda vão acreditando num futuro menos agreste; por outro, surge a América como a “terra prometida”, “santa terra” segundo Dias de Melo (2003: 73), torrão propício ao sonho do açoriano, qual ‘judeu errante’, que aí tanto entrevê a nesga da abertura e aventura pela Ilha sonogada como o repto de almejada prosperidade inviável no solo pátrio.

Todavia, como tão perspicazmente afirmou Daniel de Sá em *Ilha Grande Fechada*, “Sair da Ilha é a pior maneira de ficar nela”, frase antológica que, recorrentemente citada pela crítica, resume cabalmente a psicologia do ilhéu, a interiorização mítica da insularidade (como anotou Cristóvão de Aguiar), a atração transitória por um qualquer horizonte geográfico e, subsequentemente, volvida a obsessão de partir, o imperativo de retorno à origem, encarada, por não poucos, como símbolo de regressão.

Para terminar, damos a palavra a José Dias de Melo, entrevistado por Vamberto Freitas em 1992:

“Terei, de facto, um vasto público? Não me parece. [...] Olhe, Vamberto, antigamente... Hoje, tudo mudou em mim. A escrita já não me traz alegrias nem tristezas [...] traz-me principalmente ocupação, e essa ocupação [...] é, mais uma vez me repito, o único modo que tenho encontrado, metido, geralmente sem ninguém [...] no meio de quatro paredes, não digo de vencer, mas de tornar tolerável a solidão. No que respeita ao ‘ato muito especial que é publicar um livro’, também, garanto-lhe, esse ato deixou de ter para mim o quer que seja de especial. Apenas uma coisa, uma só, lhe poderia conferir de novo algo de particular; seria ver, finalmente, um livro meu publicado completamente limpo de gralhas, Isso, sim, dar-me-ia, mais

uma vez, uns momentos de grande alegria - se é que ainda alguma alegria posso ter.” (1998: 200).

Dias de Melo, amigo de Daniel de Sá¹⁹ (seu confidente) e de Cristóvão de Aguiar, etnólogo nato - “*De Outubro a dezembro de 1980, andei pelo Pico de gravador às costas, de automóvel, [...] procurava quem me contasse coisas do antigo viver da nossa Ilha, coisas que, queiram ou não, constituem património cultural precioso, conservado na tradição oral do nosso Povo e prestes a desaparecer, [...]*” (1985: 9) - e picaroto ‘de gema’ - “*No Pico [...] não há separação definida entre gentes do mar e gentes da terra [...]*” (1985: 9) -, poderá, finalmente, ter essa bem merecida “alegria”:

À espera de nova edição, corrigimos as poucas gralhas - deste “rei das gralhas”²⁰ que deixou de “escrever”²¹ a 24 de setembro de 2008 - de *Das velas de lona às asas de alumínio* e de *Poeira do Caminho...*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Aguiar, Cristóvão de (1999) *Relação de Bordo (1964-1988)*, Porto: Campo das Letras, col. “Campo da Literatura”.
- Aguiar, Cristóvão de (2007) *A Tabuada do Tempo. A lenta narrativa dos dias*, Coimbra: Livraria Almedina.
- Barros, J. H. Santos (1981) *O Lavrador de Ilhas - I. Literatura Açoriana Hoje (1977-1980)*, Lisboa: Secretaria Regional da Educação e Cultura, col. “Gaivota” /24.
- Beaujour, Michel (1980) *Miroirs d'encre: rhétorique de l'autportrait*, Paris: Éditions du Seuil, col. “Poétique”.
- Freitas, Vamberto (1998) *Mar cavado. Da Literatura Açoriana e de outras narrativas*, Lisboa: Edições Salamandra.
- Didier, Béatrice (1983) *Stendhal autobiographe*, Paris: PUF, col. “Écrivains”.
- Heuvel, Pierre Van Den (1985) *Parole Mot Silence. Pour une poétique de l'énonciation*, Paris: Librairie José Corti.
- Melo, José Dias de (1985) *Na Memória das Gentes. Gentes do Mar falam do mar e da Terra*, Lisboa, vols. I, II.
- Melo, José Dias de (1990). *Das velas de lona às asas de alumínio*, Lisboa: Edições Salamandra.
- Melo, José Dias de (2002) *Milhas Contadas*, Lisboa: Edições Salamandra.
- Melo, José Dias de (2003) *Pedras Negras*, Lisboa: Edições Salamandra, 3ª edição portuguesa.
- Melo, José Dias de (2004) *Poeira do Caminho. Reminiscências do passado, vivências do presente*, Porto: Campo das Letras, col. “Instantes de leitura”.
- Ricoeur, Paul (2000) *La Mémoire, L'Histoire, L'Oubli*, Paris: Éditions du Seuil.
- Tadié, Jean-Yves & Marc (1999) *Le sens de la mémoire*, Paris: Gallimard.

5. ZÉLIA BORGES, PROFESSORA JUBILADA NA UPM, UNIVERSIDADE MACKENZIE SÃO PAULO, BRASIL 11º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2009

1. DIAS DE MELO E CAYMMI: DOIS AUTORES E O MAR

Em 2008, deixaram-nos, nos Açores e no Brasil, dois autores, irmanados pelo idioma, motivados pelo mesmo tema, o mar, mas antípodas na maneira de tratá-lo. Falamos de Dias de Melo, glória dos autores açorianos e de Caymmi, compositor e cantor querido, motivo de orgulho também dos brasileiros.

José Dias de Melo, nasceu em 08/04/25, em Calheta de Nesquim, Ilha do Pico e morreu em Ponta Delgada em 24/09/08, aos 83 anos.

Dorival Caymmi nasceu em Salvador, Bahia, em 30/04/14 e morreu no Rio de Janeiro em 16/08/08, aos 94 anos.

Nascidos no mesmo mês, abril, embora sob signos diferentes, seguiram caminhos diversos, embora ambos se firmassem, de fato, como artistas. Dias de Melo foi professor inicialmente, passando, depois a fazer aquilo de que parecia mais gostar: escrever.

Criou poesia em menor quantidade, dedicando-se mais ao romance, novela, conto e crônica em dezenas de títulos. Além da obra de ficção, fez, com trabalhos de campo, o levantamento da população baleeira da ilha onde nasceu, organizou uma espécie de dicionário temático da baleação, publicado em quatro volumes pela Secretaria Regional de Educação e Cultura, sob o título de *Vida Vivida de Baleeiros*, com dados biográficos dos baleeiros picarotos.

Há quem não aceite que o autor seja considerado a voz dos baleeiros açorianos, mas é como tal que mais o admiramos e, a tal ponto, que nos atrevemos a afirmar: Portugal continental tem seu canto épico n'Os *Lusíadas* e Portugal insular tem sua epopeia na trilogia baleeira de Dias de Melo, obra que poderíamos chamar de *Os Açoriadas*.

Três livros compõem a narrativa heroica ou saga a que Santos Barros nomeou "trilogia da baleia" e João de Melo considerou "o ciclo da baleia": *Mar Rubro* (1958), *Pedras Negras* (1964) e *Mar pela Proa* (1976).

Os três livros narram sempre lutas, que veremos por partes:

luta dos baleeiros contra as baleias (Mar Rubro);
luta dos baleeiros contra a inclemência do clima e contra a inclemência do "homem lobo do homem" (Pedras Negras);
luta contra a procela, as marés e o vento enquanto rememoram a luta contra a aceitação de um destino imposto e contra o homem dominador (Mar pela proa).

1.1. MAR RUBRO: LUTA DOS BALEEIROS CONTRA AS BALEIAS

Melo (1980: 07), escritor que procurou caracterizar, em *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, as diversas vozes de nativos das ilhas que cantaram sua terra, ao prefaciá-lo *Mar Rubro* o apresenta como

"...narrativa fragmentária cerzida embora por múltiplos pontos de contato [...] não um conjunto de textos avulsos nem um texto integrado por uma sequência de conjuntos lógicos". Aliás, o próprio autor vê a dificuldade de caracterizar precisamente sua obra, chamando os textos que a compõem de "crônicas romanceadas".

O prefaciador assim apresenta a obra: "*voz e oralidade dum tempo e dum lugar, aqui está a vocação açoriana dum escritor que até hoje sempre ignorou outros universos literários e se fixou e está de pé ao lado do trabalhador da terra e do mar da Ilha do Pico*" (pp. 07, 08).

No segundo texto de *Mar Rubro*, intitulado "Terra de Baleeiros", Dias de Melo (2008, pp. 32-34) traça um perfil da terra e do mar da Ilha do Pico, dos sonhos e da ambição maior de seus habitantes, que emigram, mas voltam por fim. Arrola nomes de baleeiros e de barcos. Eis o que de tudo isto fala o autor, impregnado de afeto por sua terra e sua gente:

1.2. A TERRA NA ILHA DO PICO

[...]
são belos os seus matos que, no alto e interior da Ilha, se requebram em curvas graciosas de colinas, montes, cabeços, montanhas revestidos de verduras, ou se alargam em ondulações suaves de planuras silenciosas atapetadas de erva abundante e fresca, marginadas e manchadas de longos renques e compactos bosques de cedros e azevinhos, de onde em onde alagadas pela pureza transparente das águas tranquilas de pauis e lagoas: os seus matos — com as nossas pastagens que nos sustentam os nossos gados. E belas estas vertentes que, lá em cima, se desentranham do céu e se despenham e descem até aqui, ao recorte caprichoso e irregular das penedias da costa negra. Belas, salpicadas de magotes de faias, incensos, figueiras, retalhadas de currais de vinha e campos de milho, penteadas pelo perfil das casas modestas, vincadas pelos sulcos cinzento-escuro dos velhos e pedregosos caminhos.

1.3. O MAR DOS AÇORES

E o mar? E o deslumbramento do mar, com a majestade das suas fúrias em dias de temporal, com a luminosidade do seu imenso azul quando, limpo o céu de negrimes de chumbo, o sol a tudo e a todos envolve em claridades de vida e alegria? E, neste mar, a epopeia das

velas brancas dos botes dos baleeiros recortadas, vaporosas, leves, na neblina das distâncias. E, no porto, o remanso da casa dos botes – O lar comum de toda a gente; e as esbeltas embarcações adormecidas, à espera, sob as suas telhas; e os velhos pescadores de monstros oceânicos a evocarem as suas façanhas espantosas

1.4. OS HABITANTES DA ILHA

Nestes campos, ao longo destes caminhos, não há quem não tenha seu quinhão. Cada qual é senhor da terra que cultiva e da casa que o acolhe.

[.....]

Querem-lhe muito os que por cá nasceram. Daqueles que se foram para terras da América, num sonho ancestral de vagabundagem aventureira e cobiçosa, muitos são os que regressam. Primeiro, de quando em quando, a acalmar o bicho resinguento da saudade. Mais tarde, amealhada, ao preço de muitas canseiras, muitos sacrifícios - até de fome - a pequena fortuna ambicionada (ou parte dela) para nunca mais partirem.

1.5. SONHOS, NO EXÍLIO, DAQUELES QUE EMIGRARAM

Lá longe, traziam na alma a imagem sempre nítida destes matos, destas vertentes, destes campos, destas penedias negras, deste mar e destas velas brancas dos botes dos baleeiros. E a toada das ondas mansas, e o trovejar dos vagaredos em noites de temporal, que, com as doces cantigas maternas, lhes embalaram o sono de meninos; e as falas graves dos baleeiros que lhes encheram a imaginação de adolescentes com espantosas estórias de baleias - mais lindas e fascinantes que os contos de bruxas e fadas das avós piedosas e velhinhas.

Tiveram que ir penar mágoas, desbaratar a saúde, enterrar o melhor da própria vida num mundo que não era o deles para atinarem com o encanto de tudo isto.

1.6. AMBIÇÃO MAIOR DOS QUE REGRESSAM

E que alegria a do regresso definitivo!

[.....]

Com o seu regresso, se concretiza a sua última e mais profunda ambição. Compram uns palmos de terra que acrescentam aos que herdaram dos antepassados; constroem, em sítio vistoso da encosta, a casa em que aconchegam o seu lar; vão à pesca ao Canal nos barcos dos pescadores; arranjam lugar para ir à baleia nos botes dos baleeiros; e, pé em terra pé no mar, como os pais, como os avós, por aqui ficam vivendo esta vida calma de

simplicidade antiga, igual à de toda a gente, até que adormeçam para sempre, junto ao mar, no Cemitério do Canto das Canadas, humilde e pequenino.

[.....]

Terra de baleeiros - vida de baleeiros.

1.7. NOMES DE BALEEIROS

No texto “A casa dos botes” aparece uma primeira lista dos baleeiros (p. 40), lista que não se esgota aqui, pois outros aparecerão no decorrer de novos textos. Apresentamos apenas alguns nomes:

Mestre José Faidoca – tido como o Mestre dos mestres -, que atingiu o cargo de oficial aos dezoito anos, sendo raríssimos aqueles que atingiram tão cedo esta posição (p.51); o Capitão Medina; Mestre Manuel Faidoca; Mestre Manuel Faidoca Novo; Artur Faidoca; António Faidoca; Mário Faidoca (um nunca mais acabar de Faidocas); Mestre Sebastião Machadinho; Mestre José Domingos; José Caçolha; Mestre João Silveira; Mestre João Graxinha; Mestre Bem-Feito; António Racha que, com seus calafates, reconstrói o bote “Norberto” (p. 40)...

1.8. O CAPITÃO MEDINA É APRESENTADO COMO ARQUÉTIPO DOS PICAROTOS (P. 64)

O Capitão Medina é a encarnação dos defeitos e das virtudes atávicas de todos nós: do nosso apego a estas pedras negras e a estas águas azuis, da nossa ânsia de partir em busca de novidades, riquezas, aventuras, por essas Américas fabulosas; depois, para os que conseguem lá chegar, da nossa saudade portuguesa, sempre a roer-lhe as entranhas, a espicaçá-los, a empurrá-los para a visita à Ilha que, para alguns, acaba no regresso definitivo.

É interessante notar que o prefaciador João de Melo (1980: 11) não parece muito contente com tais nomes, alegando:

Apresenta-se, a meu ver, uma única insuficiência na construção deste universo romanesco: a probabilidade talvez remota de certos nomes corresponderem a uma representação onomástica insular. Recorda, arbitrariamente, alguns desses tipos caracterológicos: mestres José e Manuel Faidoca, José Caçolha, João Graxinha, António Racha, João Preseta, de Mar Rubro; [...]. É pouco provável que estes apelidos, sejam eles legítimos ou de gíria popular, se possam adequar ao contexto essencialmente originário da narratologia do autor. Este aparente desfazamento nada tem a ver com meras suposições de quem esteja de fora; pode, simplesmente, ser uma constatação legítima que nos venha da infância açoriana do trabalho e do pé descalço, tão povoada de monizes, medeiros, tavares, pachecos, melos e outras cadeias de afinidade inter-ilhas,

como marcas perenes do povoamento. Daí eu estranhar que estes nomes raramente figurem nas estórias de Dias de Melo [...]

1.9. NOMES DE LANCHAS

Natércia, Medina, Açoriana, Maria, Espartel, Rainha das Ervas, Maria da Fonte, Cigana...

1.10. NOMES DE BOTES

Andorinha, Atrévida, Norberto, São José, Cachaço...

Em dois momentos do livro se justifica seu nome *MAR RUBRO*:

[...] *E o sangue avermelhava e enegrecia as águas, e as gorduras e as vísceras desventradas derramavam manchas esbranquiçadas, esverdinhas, nas águas — e as águas do porto, com o vaivém das marés, alastravam, vermelhas, negras, esbranquiçadas, esverdinhas pela boca do porto fora.* (p. 109)

Sangue! Sangue! O mar já não é azul. O mar, à nossa volta, torna-se vermelho, rubro — sombriamente rubro, sombriamente vermelho. (p. 164)

2.1. LUTA DOS BALEEIROS CONTRA A INCLEMÊNCIA DO CLIMA E CONTRA A INCLEMÊNCIA DO “HOMEM LOBO DO HOMEM” (PEDRAS NEGRAS)

O segundo livro da trilogia, *Pedras Negras*, constitui-se de três partes: a primeira sintomaticamente chamada de “A ilha escorraça a gente”; a segunda parte com dois subtítulos: “Pelos mares do mundo todo” e “Terra da América”; a terceira parte com três subtítulos: “Regresso à Ilha”, “O senhor americano” e “Desanda a roda do destino”. Este livro teve várias edições. Além disso, foi traduzido para inglês e japonês, sendo publicado nos Estados Unidos da América e no Japão. Sua última edição foi nos Açores, 2003, na qual o autor, em breve nota vaticinava: “*possivelmente esta a última edição deste livro em minha vida*” (p. 5)

Seu protagonista é Francisco Marroco, chamado pelo prefaciador, Luiz Fagundes Duarte (2003: 14), de “paladino da açorianidade”. Aparece no primeiro texto, “O ano da fome”, com suas reminiscências da fala do avô que, por sua vez, rememorava tempos difíceis quando a Ilha foi assolada pela fome precedida pela passagem de um ciclone. Ouvia os mais velhos falarem dos abalos de terra, do fogo que surgira das pedras negras da Ilha do Pico. Pedras negras fora das casas, paredes negras dentro, mães embalando seus filhos cheias de ternura e medo, junto a homens com cigarro no canto da boca e viola de encontro ao peito, enquanto “*andava lá fora o inverno a rugir □ o vento... o mar... a chuva. Na cozinha andavam as sombras a enroscar-se nas paredes negras. Medo... Todos tinham medo...*” (p. 25)

Muito jovem ainda, com doze anos apenas, aproximou-se de João Peixe-Rei, que lhe falava do Ano do Fogo, na Ilha já coberta de pedra: “Pedra por cima da terra, por baixo da terra, a transbordar da terra nos abismos do oceano!” (p. 28) E veio o Ano do Fogo, quando mais sofreram ao que ficavam à volta da montanha. Com a terra a tremer, dezenas de bocas nas montanhas vomitavam pedras e lavas. “*E quando a terra e o mar cessaram de vomitar fogo e pedra e lava □ a Ilha, para aquelas bandas, era um cemitério imenso □ horrenda vala comum de cascalho e rochedos fumegantes □ que tragara casas, igrejas, terras!*” (p. 31). Por sorte só morreram duas pessoas, ouvira João Peixe-Rei o velho padre dizer. “*E passado o cataclismo, quem pôde meteu-se pelos caminhos do mundo, principalmente para o Brasil.*” Os que ficaram, na luta com a fome, doença e morte, arrumaram a terra que de novo deu o pão. E João Peixe-Rei dizia: “*A Ilha escorraça a gente*”. E o fazia com anos de seca, de ciclones, e o fogo que não fez promessa de nunca mais rebentar. Sonhava ele também sair da Ilha no navio de Capitão Grilo, que fora pobre na Ilha e embarcara “de salto³”, chegando a capitão de navio. E acrescentava Peixe-Rei: “*Não é a terra do Pico que me há de roer os ossos!*” (p. 36)

Juntos, Francisco Marroco e João Peixe-Rei “deram o’ salto⁴” na barca “Queen of the Seas” de New Bedford.

Vários textos tratam da caça e retalhamento das baleias, das agruras da viagem: racionamento de água e alimentos; alimentos estragados e água insalubre de que se serviam; escorbuto; andança por todos os oceanos do mundo.

Depois de mais de três anos navegados, nas proximidades do Cabo Horn, enquanto se trancava uma baleia das grandes, quando a linha corria desenfreada, antes que o trancador a cortasse, João Peixe-Rei foi levado pela borda do navio num embrulho de linha, gritando, em agonia, pelo filho. Cumpria-se, assim, seu presságio de que não teria seu túmulo na Ilha do Pico.

Ainda machucado pela perda do amigo, Francisco Marroco, na amurada do navio, viu a América. Sem trazer consigo nenhum dinheiro de casa, só então ficou sabendo que não receberia qualquer “soldada⁵”. Esta ficaria para o capitão, segundo explicação de um companheiro: “*É o capitão que a pilha, pra se pagar de te pôr na América.*” (p. 68) O mesmo seria feito daquilo a que Peixe-Rei teria direito. Mas a “companha” juntou algum dinheiro que ele anexou em carta para seus pais e para Idalina, viúva de Peixe-Rei, e que deu para a sua passagem de trem para a Califórnia, o Eldorado de seus sonhos.

Após jornadas duríssimas sob o jugo do compatriota Albano Passarinho, que por fim o rechaçou; após mendigar entre miseráveis, encontrou trabalho e guarida junto de outro açoriano, da Ilha Terceira, Miguel Parreira e família, com quem passou doze anos. Depois de trinta anos, voltou à Ilha e socorreu a viúva de Peixe-Rei, Idalina e seu filho Joaquim, que viviam na miséria, sendo o filho humilhado em trabalhos vis. Emprestou dinheiro a Joaquim para a compra de um bar. Casou-se com Maria do Roque: na comemoração de seu casamento, o pai “despendurou” a viola do prego ao lado do relógio, onde sempre a guardara.

Seus contrerrâneos, acreditando estar ele rico começaram a chamá-lo “senhor americano”. Na “*caça ao dinheiro do senhor americano*” (p. 121, título do texto na página iniciado), apareceu Augusto Bóia, convidando-o, em nome da gerência da companhia baleeira, a comprar-lhe algumas ações. A companhia estava enfraquecida com o advento de várias armações, estabelecidas nos portos vizinhos, após a morte do Capitão Silvestre e de seu patrocinador, o americano Crown. A companhia baleeira, então sob o comando do filho, John Crown, desgastava-se mais com a baixa nos lucros, a morte de outros sócios fundadores e com o desgaste dos botes em mãos de baleeiros com soldada muito reduzida. Convencido de que era dever de patriotismo ajudar a companhia baleeira, empregou nela dinheiro que lhe voltara da América.

Nessa altura, Joaquim já olhava com ódio aqueles que o humilharam na sua infância e no seu trabalho. Provocou-se a ira de Augusto Bóia, que via na concorrência de Joaquim a causa da decadência de seu negócio e tinha “*a alma a transbordar de fel*” (p. 133), desejando até tirar a vida do concorrente e mandar “*pró diabo o americano*” (idem). Joaquim tornou-se mais influente, pelo fato de ser bom comerciante e entender de mezinhas e unguentos para todos os males.

Deposto Augusto Bóia da companhia baleeira, escolheu-se para gerente Joaquim, que não era baleeiro nem sócio. Francisco Marroco caía em descrédito à medida que deixava de acrescentar dinheiro. Extinguiu-se a navegação a vela, os Crown deixaram o Faial e, não entendendo de contas os gerentes, com procuração, deram plenos poderes a Joaquim.

O novo comprador do óleo de baleia passou a ser Chico Gaudêncio, de origem suspeita, criado na malandragem, envolvido em negócios escusos com prostituição. Entretanto, se esperava pelo pagamento de peças que fornecia para consertos de botes, muito mais fazia esperar por aquilo que devia. Alargava seus negócios e se estranhava como conseguia dinheiro para tal. Até que mandou à gerência carta cobrando débito em atraso e pedindo o comparecimento, no Faial, de pessoa competente para saldar a dívida. Munido de procuração apresentou-se Joaquim. Ao voltar, comunicou aos gerentes que débitos de quatro anos deveriam ser pagos em seis meses.

Inadimplentes, os sócios deixaram a solução por conta dos gerentes, que passaram a tarefa para Joaquim. Chegando o fim do prazo, recorreram a Francisco Marroco, que se negava a tocar no dinheiro confiado ao Banco. De novo foi Joaquim ao Faial à presença do credor irredutível. Este, por fim, sugeriu ao porta-voz que se tornasse seu representante. Uma vez que a velha armação não poderia sobreviver, Gaudêncio faria de Joaquim o gerente. Dizendo estar o notário por sua conta, a título de pagamento apoderou-se o credor da companhia baleeira. Chico Gaudêncio comprava novos botes na Inglaterra e Alemanha e corriam boatos de que o Banco o financiava. O que não se sabia é que ele não pagava.

Chegou um novo ano de seca e o andaço começou dizimando a população. Morreu Maria, mulher de Francisco Marroco depois de ajudar ao marido no cuidado de doentes. Faltando água e alimento, falido o Banco, aos açorianos estabelecidos na América mandavam milho para evitar um novo Ano da Fome. Chegada a hora do

acerto das contas, na presença de Chico Gaudêncio, Joaquim lia as contas. António Marroco, filho de Francisco, também calculava; mas suas contas não conferiam com as de Joaquim e viu que os companheiros temiam Chico Gaudêncio e ainda mais o Joaquim. António ainda tentou questionar, mas sua pergunta caiu no vazio. Joaquim chamou os oficiais para assinar as contas, mas uma voz se levantou impedindo assinatura. Era João Laró, mais velho que todos os oficiais, mas que nunca a tanto chegara, apesar de marinheiro dos melhores. Os baleeiros se juntaram ao seu protesto e saíram em fúria, só ficando os oficiais, “comprados” por Chico Gaudêncio e Joaquim que, metendo-se numa lancha correram até o Delegado Marítimo e mostrar-lhe as contas assinadas. Ao chegarem os baleeiros à Delegação Marítima, foram todos presos. Francisco Marroco, aniquilado, arrastou-se até a vila para ver o filho aprisionado.

luta contra a procela, as marés e o vento enquanto rememora a luta contra a aceitação de um destino imposto e contra o homem dominador (Mar pela proa).

O terceiro livro da trilogia conheceu a espécie de mar que lhe dá título — *Mar pela Proa* — ou “mar de proa”, regionalismo português para mar contrário; mar que corre em direção oposta à do vento reinante. Assim como os homens cuja odisseia conta, o livro também enfrentou tempo ruim, mar contrário, preso que foi, por seis anos pelo menos, em mãos de quem prometera publicá-lo. Isto é o que nos conta Dias de Melo (1973: 09) em “Nota de Abertura” para o livro escrito em 65-66 e enviado para publicação por editora de Lisboa em 67.

Dias de Melo revela o destinatário e a finalidade deste livro, melhor dizendo, de toda a trilogia:

“Por eles [os muitos homens do Mar ou da Terra ou dos Açores] foi que o escrevi. Pelo muito que sofrem e lutam. Pelo muito que sonham e esperam. Pelo muito que se negam a deixar-se vencer pelo sofrimento e pela injustiça [...]” (p. 10).

Daniel de Sá (2008; 06) assim classifica esta obra:

“novela em pormenor de romance num ritmo alucinante de conto”.

Mar pela proa se desenvolve em dois tempos: o tempo da ação que imita o da urgência da procela, das marés e dos ventos, e o tempo da memória que, relembra, em *flashback*, tempos anteriores à ação. A propósito, já houve quem falasse da necessidade de um cineasta aproveitar o roteiro quase pronto de Dias de Melo.

No tempo da memória voltam as ações dos dois livros anteriores, mostrando como os baleeiros chegaram à urgência de se salvarem e a seus barcos tão duramente conquistados, após dez anos da prisão e soltura de João Laró, António Marroco e seus companheiros da companhia baleeira chamada “Armação Baleeira União e Fraternidade” □ quanta ironia! □ traídos pelos oficiais e dois trancadores.

Às duas personagens vindas de *Pedras Negras* agregaram-se outros baleeiros

formadores de outro grupo □ “Armação dos Baleeiros Sempre Unidos”, crismado como Companhia Nova: na lancha “Ilha Morena”, o Capitão João Laró, António Marroco e Manuel Garalha; no bote “Cisne”, o Mestre Tonico Garoupa, Jó Bacalhau, António Bodego e Francisco Morrincha; no “Pátria”, João Terra Negra, Joaquim Lisboa e Manuel Moleiro; no “Deixa Andar”, Mestre Sonicante. Decidiram sair e mostrar os barcos, sua nova conquista.

À saída, um baleeiro “*não arreda os olhos da nuvem emborcada no cimo da montanha*”. (p. 25) “*É o capelo do Pico*” (Idem), dossel que, todos sabem, anuncia mal tempo. O mar, até então, tinha “*espumas da carneirada branca alvejando no cinzento feio do Canal*” (p. 44) E o mar vai mudando: “*E o negrume das nuvens, e a rebentação da carneirada branca.*” (p. 46). Depois: “*Mais vento. Mais nuvens negras.*” (Idem). Mestre Laró avisara: “*Vamos apanhar mar grosso na Ponta da Ilha*”. (p. 43) E o tempo continua fechando: “*Mais vento. Mais nuvens negras.*” (p. 46) *Vento □ mais vento! □ caindo pesado de cima da terra. Respingo de água surriada5 no vento. Perto, novelos oiriçados da brancura do embate a crescer, a crescer...*” (p. 47) “*Ao largo, lá fora, “mar grosso, encapelado, pra lá a bocarra da baía, nas águas da cor de chumbo do canal.*” (p. 61) E tudo piora:

Lamento, grito, voz que de súbito se apaga e por instantes subsiste nos uivos relinchados do mar, nos uivos rosnados do vento (confusão medonha de roncões, latidos, berros, que estoiram nos tímpanos e escoicinham nas cabeças) □ o nada que resta, o nada que fica vagamente pairando, do resfolegar que parou. [...]

Corpos sem coração, sem alma, sem vida, a “Ilha Morena”, o “Cisne”, o “Pátria”, o “Deixa-Andar, amarradas todas ao mesmo cabo, as quatro embarcações, sacudidas pelas mesmas vagas, batidas pelo mesmo vento, a caírem para o largo, para a fogueira das labaredas brancas, a meio do Canal. (pp. 63,64)

O fragor, o trovejar do vento rijo de sudoeste, das vagas de côncavo negro e dorso esverdeado [...] (p. 64)

A lancha e os três botes vinham ligados a um mesmo cabo. Perdeu-se o “Pátria”; mesmo condoídos os companheiros o abandonam; um pouco mais e “nas goelas da cerração, a chuva grada como burgalhau” (p. 75), perde-se também o “Cisne”. Em costa muito brava, imprecações e preces, a noite caindo, Sonicante puxou o cabo ficando os dois barcos restantes entregues cada um ao seu destino. Com as primeiras luzes do alvorecer uma lancha aparece e atira um cabo ao “Deixa Andar” e o reboca até o cais.

António Marroco ficou só na “Ilha Morena”, entregue ao furor do mar, lutando com “*lembranças escaldantes na cabeça, perdido nas trevas da noite, no inferno do vento e do mar*” (p. 97). Os companheiros decidem telegrafar para o Faial e pedir ao rebocador holandês que saia em busca de Marroco. O rebocador, em meio à tormenta, passa pela lancha e não a vê. Somente na terceira madrugada percebe terra próxima, mas luta ainda o dia todo; somente à noite, duas luzinhas, que ele sente como “estrelas vermelhas”, dois barcos se aproximam e dois homens o encontram prostrado a repetir: “*Vencemos... Companheiros... Vencemos...*” O narrador fecha o capítulo falando das lágrimas do baleeiro exausto, atordoado e

revela o pensamento de Marroco que serve de epígrafe ao livro e se repete no último texto do livro: “*Foram três dias □ ou foram três séculos? Ou três milhares de séculos*” (p. 139)

Num último capítulo, “Chamas reavivadas”, narra-se a conversa dos baleeiros sobreviventes, cercados de amigos, reunidos na casa de Marroco. No dia seguinte ao de sua volta, avaliam os acontecimentos. Daqueles que voltaram da luta violenta contra a tempestade □ Mestre Laró, António Marroco, Sonicante e Garalha, convém registrar algumas frases (todas da p. 152):

de Sonicante: “*Sáimos onze do Cais do Pico e quatro são os que restam*”;

de Mestre Laró: “*Eles apartaram-se da gente... E se a gente se não salvar agarrados uns aos outros, com cada um a puxar pra seu lado é que nunca mais vamos a parte nenhuma*”;

de Marroco em resposta a um companheiro que diz estar tudo acabado: “*Não! Mil vezes não! Aqui, nada se acabou, porque tudo vai começar de novo! [...] O homem que é homem, não há nada neste mundo que o possa vencer, senão a morte! E nós não estamos mortos*”.

Saídos do chamado ritmo alucinante de Dias de Melo, vamos para Caymmi, de ritmo bem mais lento, de “maré baixa”, já que nos voltamos para canção popular, fundada no prazer de ouvir; canção de artista que faz coro ao que dele dizem seus amigos, insistindo ele próprio em dizer que é preguiçoso. Na verdade, há nome mais bonito para tal preguiça: é o ócio criativo.

Caymmi viveu sua infância num clima o mais baiano possível, segundo sua biógrafa e neta Stella Caymmi (2001). Ao que consta, a biografia resulta de dissertação de Mestrado na PUC, Rio de Janeiro.

Vinha desde tenra infância sua ligação com o mar. Via do sótão da casa de seus avós paternos, na Cidade Alta, a Baía de Todos os Santos, o porto e o mar de Itaparica na sua amplidão aberta. Também sua ligação com a música vem desse tempo: seu pai, como o da personagem Francisco Marroco, de *Pedras Negras*, guardava sempre o violão na sala. Caymmi aprendeu, sozinho e escondido, a tocá-lo. Sua biógrafa (2001: 360) se vale de Jorge Amado para explicar a têmpera de que se fez o compositor:

Jorge Amado escreveu com muita precisão sobre as raízes do futuro compositor: ‘Trazendo nas veias sangue negro e italiano, nascido a beira do mar da Bahia a Bahia que é a cellula mater do Brasil, onde a mestiçagem determinou e determina as linhas mestras da cultura nacional, fez-se o intérprete da vida popular, o bardo cantor das graças, do drama e do mistério da terra e do homem baiano’. Na literatura Jorge compreendeu como ninguém a miscigenação do povo baiano, expressando-a com imenso talento. Ele enxerga em Caymmi ‘o próprio povo do Brasil com sua voz mais pura, em sua melodia mais profunda e eterna’. Como se nele fossem condensadas todas as tendências da miscigenação brasileira, e alardeasse a vitória dessa mesma miscigenação nele, na sua obra e no seu canto.

Caymmi iniciou-se no trabalho no arquivo e expedição de *O Imparcial*, trabalhando por vezes como copidesque. Poucos dias antes de completar vinte e quatro anos, em 01/04/38, pegou “um ita¹ no Norte” e veio para o Rio de Janeiro onde inicialmente fez bico² no jornal *Nota*, escrevendo anúncios e pequenas notas. Tendo dito a um amigo que “compunha, cantava e tocava um violãozinho”, este falou dele a Lamartine Babo, radialista e compositor, que o levou para cantar na Rádio Nacional.

Caymmi cultivava também o desenho e a pintura, chegando a expor seus quadros com sucesso, mas foi mesmo cantando e compondo que embalou gerações de brasileiros e fez sucesso também nos Estados Unidos. Itália, França, Portugal e Argentina. E poucos entre nós sabíamos, até a biografia escrita por sua neta, que algumas de suas canções praieiras foram traduzidas e gravadas em Israel com cantores e maestro de lá.

Como compositor e cantor, tornou-se conhecido em todo o Brasil na segunda metade da chamada Época de Ouro (1929 a 1945) da música popular brasileira. Em outubro de 1938, sua canção “O que é que a baiana tem” foi escolhida para substituir “Na baixa do sapateiro”, de Ary Barroso, no filme “Banana da terra”, estrelado por Carmen Miranda e que deveria ser lançado antes do Carnaval de 1939. Segundo Severiano e Mello (1997: 182), na sua execução, “Caymmi sugeria a Carmen os gestos, as inflexões que ela repetiria na filmagem [...] Como Carmen insistiu em gravá-la o compositor propôs que os dois a cantassem em dueto, o que realmente aconteceu”. O disco foi gravado em 1929.

Os mesmos historiadores e críticos de música, Severiano e Mello (Idem: 254) apontam três vertentes para obra de Caymmi: “as canções praieiras e os sambas de roda, em que predomina a Bahia, e os sambas urbanos de inspiração carioca”. Pode causar estranheza ter sido Caymmi chamado “cantor e poeta do mar”, “eterno amante do mar” e até “rei do mar”. Isto porque entre suas cento e vinte obras arroladas pela neta e biógrafa (2001: 575-578), apenas dezessete podem ser colocadas entre as canções praieiras.

Pode parecer bizarro também estar ele colocado entre os melhores e maiores, no panteão dos músicos brasileiros e, aqui, ter sido escolhido para estudo ao lado de Dias de Melo. Mas achamos que, com apenas três canções, podemos afastar tais estranhezas.

triste noite foi pra mim [refrão] Saveiro partiu de noite, foi madrugada, não voltou. O marinheiro bonito, sereia do mar levou. [refrão] Nas ondas verdes do mar, meu bem ele se vai afogar Fez sua cama de noivo no colo de Yemanjá. É que você mereceu”.	Depois desse encontro lindo Eu passei a melhorar E tudo que tenho hoje Agradeço a Yemanjá Odoia-ê, odoia Fui à roça, dei presente E ela me agradeceu “Você melhorou de vida, Yemanjá, odoia	Verde luz, verde cor De arrebatção Sargaço mar, sargaço mar Deusa do amor, deusa do mar Vou me atirar, beber o mar Alucinado, desesperar Querer morrer para viver Com Yemanjá Yemanjá, odoia Yemanjá, odoia Odoia-ê, odoia
--	--	---

De fato o percentual das chamadas canções praieiras não chega a um quarto de suas canções. Mas não há impropriedade em se considerar Caymmi “cantor, poeta do mar”. É poeta em face da simplicidade, do cunho de oralidade de seu texto, se tivermos em conta que sua arte traduz a alma de seu povo, de sua terra. E seu texto é mais para ser ouvido que lido; ouvido, de preferência, na sua “voz de trovão”. Para fundamentar nossas palavras vamos buscar vozes de autoridades em matéria de arte. Sua biógrafa (2001: 488) nos conta o que dele falou o poeta maior, Drummond de Andrade, na comemoração dos setenta anos do compositor:

Que são setenta anos, diante da melodia que não conta conta tempo, não envelhece, enquanto as modas de cantar se sucedem e quase nada de música existe mais do que uma estação? Não há dia seguinte para o cancionista de Caymmi. A flor que o vento jogou no colo da morena de Itapuã⁷ não murchará ainda. Murchará um dia?

Da poeticidade de suas letras, a mesma biografia (p. 260) diz:

[...] a beleza da letra não a torna poesia, gênero da literatura que prescinde de qualquer apoio além da língua materna, como ensina o poeta Bruno Tolentino. Uma canção de qualidade associada intrinsecamente a uma bela letra inspirada, de modo que não se possa conceber uma sem a outra, tem um imenso valor, sem que para isso ela tenha de mudar de categoria e virar poesia.

Poeta do mar, sim, pela importância de seu canto das praias. Stella Caymmi, secundada sempre pelo avô, na pesquisa para sua biografia, diz (p. 318): “Aliás, foi no ano de 1954 que o compositor lançou o seu primeiro *long play* □ um dos seus discos mais importantes □ Canções praieiras, com “Saudade de Itapoã”, “É doce morrer no Mar”, “Noite de Temporal”, “Promessa de Pescador”, “O Mar”, “O Vento”, “O Bem do Mar” e “Quem vem Pra Beira do Mar” [...]

A divindade que os pescadores cultuam é Yemanjá, “orixá do rio Níger, dona das águas, senhora do mar, mãe dos Orixás”, na explicação de Brandi (2001: 566), divindade cuja saudação é “odoia”, apontada por Barros (2001:250). É na sua “roça” ou “terreiro”, isto é, lugar de seu culto, que levam suas oferendas, e ela agradece

Yemanjá, odoia O canto vinha de longe De lá do meio do mar Não era canto de gente Bonito de admirar
--

É doce morrer no mar É doce morrer no mar nas ondas verdes do mar [refrão] A noite que ele não veio, foi foi de tristeza pra mim. Saveiro voltou sozinho	Odoia-ê, odoia Meu corpo todo estremece Muda a cor do céu, do mar E de repente aparece É a rainha do mar Yemanjá, odoia	Sargaço, mar Quando se for De lá do meio do mar Esse fim De Som Doida canção Que nao fui eu que fiz Que não fui eu que fiz
---	--	---

possibilitando-lhes progredir na vida. Ao morrerem, as ondas do mar não são sepulcro, mas sim “sua cama de noivo, nos braços de Yemanjá”. Se temem a morte, ao mesmo tempo a desejam por quererem “viver com Yemanjá”.

Caymmi também frequentava cultos e ocupava posição destacada, junto com os amigos Jorge Amado e Carybê, na “roça” da Mãe Menininha do Gantois. Coincidentemente (?), quando o Governo da Bahia, querendo trazê-lo de volta para sua terra, lhe fez doação de uma casa, ele a escolheu na Pedra da Sereia, no Bairro do Rio Vermelho. Ademais, nas palavras de Stella, a canção *Sargaço Mar* é seu testamento musical.

Na juventude, veraneava à beira-mar, na Praia de Itapuã e nela praticava naturismo junto aos amigos. Na idade adulta a cantava com tão bela ginga de voz que sua estreita ligação com a praia, levou as autoridades a criarem ali uma praça, chamada Praça Caymmi. A praça foi, depois, cantada por Vinícius e Toquinho, na canção *Tarde em Itapuã*:

*Um velho calção de banho,
O dia pra vadiar,
Um mar que não tem tamanho
E um arco-íris no ar.
Depois na Praça Caymmi
Sentir preguiça no corpo
E numa esteira de vime
Beber uma água de coco.*

*É bom
Passar a tarde em Itapuã,
Ao sol que arde em Itapuã,
Ouvindo o mar de Itapuã,
Falar de amor em Itapuã.*

Também não deve ser estranho aproximar Dias de Melo e Caymmi: cada um deles falava do mar a sua maneira. O açoriano via o mar rubro ou chumbo, em vagalhões e vendaval, de dentro do barco onde o baleeiro suava e sangrava na luta pelo seu sustento e pelo respeito ao seu trabalho; já o brasileiro via o mar, em ondas verdes, a partir da praia. Seu pescador achava doce morrer no mar “bonito, bonito”, certo de nele ver surgir Yemanjá, presenteá-la e ser por ela recompensado e, por fim, com ela viver.

Em síntese, Dias de Melo criou texto épico, vendo no mar um espaço de luta, onde se travava um embate por justiça social. Caymmi fez texto lúdico, ligeiro, de canção popular, cheio da malemolência baiana, cantando o mar como espaço de lazer, mesmo falando do trabalho e do culto à divindade que nele se exerce. Com gênero e estilo diferentes, foi igual o amor que os motivou. Se um fez crônica romanceada, que nos dá conhecimento das lidas e lides dos baleeiros; o outro, em seu canto, fruiu da beleza e doçura do mar. Um arrebatava, comove, o outro embala, provoca vontade de dançar. Todavia, ambos nos tocam profundamente.

De uma coisa estamos certos: se nos Açores se diz que Dias de Melo “escrevia”, no Brasil se pode dizer que Caymmi “vivicantava”. Agora mortos, um deixa de escrever e o outro de cantar, mas ambos continuarão para sempre vivos nos textos e canções que nos legaram.

NOTAS

1. Ita: Regionalismo: Brasil. Embarcação que transportava tanto carga quanto passageiros entre o Norte e o Sul do Brasil (Houaiss)
2. Bico: Uso: informal. m. q. biscate; serviço eventual, de curta duração e não regular; bico (Houaiss)
3. De salto: repentinamente; dar o salto: Regionalismo: Portugal – fugir. (Houaiss)
4. Soldada: salário; soldo de tripulante de navio mercante (Houaiss)
5. Surriada: respingos de ondas ao rebentarem (Houaiss)
6. Segundo Estela Caymmi (2001: 573), letra da primeira versão para feita por Caymmi para o tema de abertura da novela *Porto dos Milagres*, da TV Globo, inspirada em *Mar Morto* de Jorge Amado, veiculada em 2201. A letra sofreu modificações de Dudu Falcão para se adaptar às necessidades do texto. A versão final recebeu o nome “Caminhos do Mar” [...] tema principal da novela”.
7. Da canção “Saudade de Itapoã”, sucesso lançado em abril de 1948. Portanto, em abril de 1984, aos setenta anos de Caymmi a canção já tinha trinta e seis anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDI, Reginaldo (2001) *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CAYMMI, Stella (2001) *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo: Editora 34.
- CASTRO, Yeda Pessoa de (2001) *Falares Africanos da Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks.
- DUARTE, Luiz Fagundes (2003) “Não sei o que é que, no Pico, é ou não é Dias de Melo...” in MELO, Dias de (2008) *Pedras Negras*. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.
- MELO, Dias de (2008) *Mar pela proa*. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.
- MELO, Dias de (2008) *Mar Rubro*. 3 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.
- MELO, Dias de (2008) *Pedras Negras*. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.
- MELO, João de (1980) “MAR RUBRO, a ideologia, o trabalho e a forma na novelística de Dias de Melo” in MELO, Dias de (2008) *Mar Rubro*. 3 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.
- MELO, João de (1978) *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*
- SÁ, Daniel de (2008) “Quando o mar vem pela proa” in MELO, Dias de (2008) *Mar Rubro*. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.
- SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de (1997/1998) *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras*. vol. I e II. São Paulo: Editora 34.



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 25 - junho 2017 JOSÉ DIAS DE MELO II

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

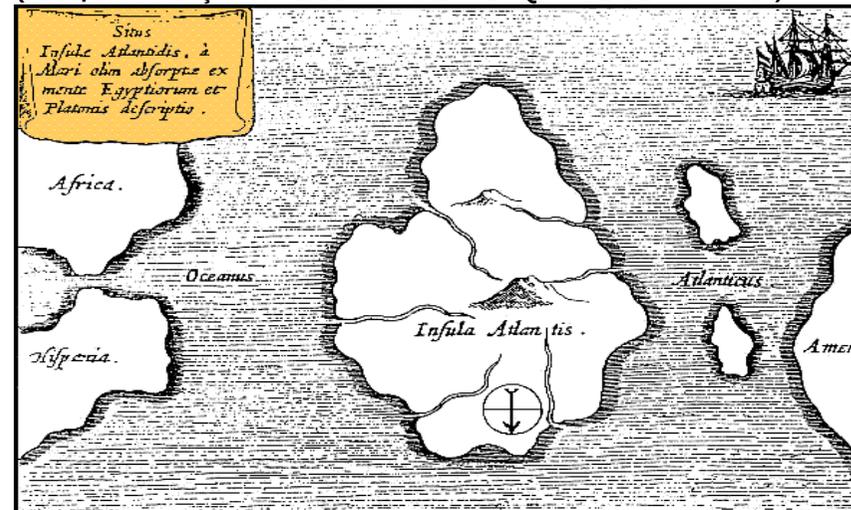
Coordenador CHRYS CHRYSTELLO

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

ESTE SUPLEMENTO #25 É O SEGUNDO DEDICADO A JOSÉ DIAS DE MELO DEPOIS DO SUPLEMENTO 3 DE MAIO DE 2010.